

o munda

ILUSTRAÇÃO



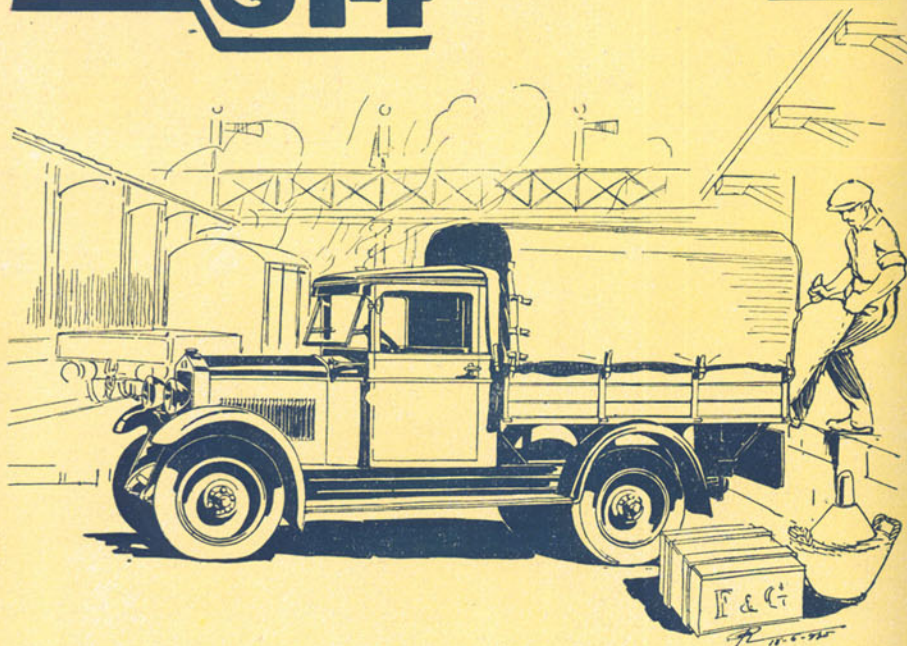
A N O
- 5.º -

Lisboa, 16 de Novembro de 1930

PREÇO - 4\$00

Número
- 118 -

FIAT 614



O VEICULO INDUSTRIAL

A CAMIONETTE LIGEIRA "FIAT 614"

A camionette ligeira é a que tem mais numerosas e variadas aplicações e a que, pelo mais reduzido custo de aquisição e de manutenção, está mais ao alcance de qualquer entidade. A camionette «Fiat 614» foi estudada com critério prático e moderno para corresponder às diversas necessidades e para assegurar, não só um serviço rápido regular e constante, mas eminentemente económico. Com um motor de pequena cilindrada e de reduzidíssimo consumo, tem uma capacidade de 1.000 a 1.200 Kgs. de carga e uma velocidade de 60 quilómetros à hora, mais que suficiente para o transporte de mercadorias.

As suas características de desenho e construção, as suas vastas possibilidades de emprego, o seu manejo e flexibilidade mesmo nas estradas mais difíceis, tornam a camionette 614 o veículo ligeiro ideal para o transporte rápido de qualquer espécie de mercadoria.

Consumo: 15 litros aos 100 quilómetros

Preço: 23.900\$00

(“CHASSI” NÚ)

FIAT PORTUGUEZA, S. A.

Avenida da Liberdade, 253
LISBOA - Telef. N. 2928

R. de Santa Catarina, 122
PORTO - Telef. 1094



O telefone automático

leva vinte e quatro horas a instalar em casa de V. Ex.^a Telefone à Companhia, ou mande um postal, e um empregado procurar-vos-há para dar todas as explicações e fornecer os meios de V. Ex.^a d'alí a poucas horas ter o telefone em casa.

NADA A PAGAR ANTECIPADAMENTE

O cobrador irá todos os meses receber a vossa mensalidade



ESCREVER À

THE ANGLO-PORTUGUESE TELEPHONE CO. L.TD

RUA NOVA DA TRINDADE, 43
LISBOA

RUA DA PICARIA, 5
PORTO



NALLY
MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAL DE NALLY



WILLYS KNIGHT

O mais
distinto
carro
de 1930

SIMAL

4, Rua Serpa Pinto

(Ao Chiado)
LISBOA

Muito melhor do que
eu e muito mais facilmente

**LE VÉRASCOPE
RICHARD**

dá a ilusão da realidade
e do relêvo.

É um aparelho
extraordinário



FORMATS
6.5 107 6-13 7-13



**L' HOMÉOS
LE GLYPHOSCOPE
LE TAXIPHOTE**

CATALOGO GRATIS A QUEM O SOLICITA

5^{ta} A^{ve} des Etabliss^{ts} JULES RICHARD. 25 Rue Melingue Paris
Magasin de Vente: 7 Rue La Fayette Paris

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulador KARGESH das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite com o Fard Rodal Cosmético, em alguns segundos, arquear as pestanas tal como nós vemos nas artistas de filmes norte americanos. Transforme as suas pestanas em férias e longas com os produtos VILDI-ZIENNE e ondule-as com KURLASH. Use na toilette da noite Creme de Massagem Rainha da Hungria e da toilette diaria, Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande marca Rainha da Hungria, 4 amostras em mão 10\$ pelo correio 12\$ que embeleza



Rejuvenesce, E erniza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: M.^{me} CAMPOS



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

"EVA," Uma linda
capa

Uma elegante primeira página
— Uma sensacional página cen-
tral — Os mais lindos figurinos

PRIMOROSA COLABORAÇÃO LITERÁRIA: Arti-
gos, Crónicas, Critica literária, Conse-
lhos e alvitres, Culinária

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados:

| | |
|--|--------|
| MANUAL DO FERREIRO | |
| Nova edição | 13\$00 |
| ELEMENTOS DE PROJECCÕES | |
| Nova edição | 16\$00 |
| FISICA ELEMENTAR | |
| 2.ª edição | 14\$00 |
| TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL | |
| 6.ª edição, revista e ampliada | 16\$00 |

Outros volumes recentes:

| | |
|--|--------|
| MANUAL DO TORNEIRO E FREZADOR MECANICOS | |
| Nova edição | 13\$00 |
| MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS | |
| Nova edição, actualizada | 30\$00 |
| ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE | |
| 2.ª edição | 40\$00 |

No prelo:

VOCABULARIO TÉCNICO
e outros volumes

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Peugeot

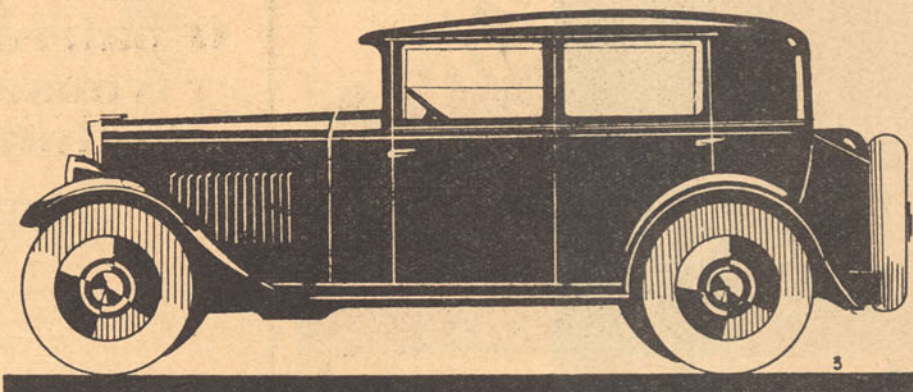
**O CARRO UTILITARIO
DE MAIS ALTO VALOR
EM TODO O MUNDO**

100 quilómetros
à hora

Reprises como
as dos carros
de força

Rampas de 7%
em prise directa

8 a 9 litros de gazolina
aos 100 quilómetros



**Silencioso, rapido, confortavel, elegante
Economico no preço e no consumo**

Agentes Exclusivos

CONTRERAS & GARRIDO, L.DA

Avenida da Liberdade, 165 a 171 - LISBOA - Telef. N. 6795

Encontra-se á venda o

Almanach Bertrand

FUNDADO POR FERNANDES COSTA E COORDENADO POR D. MARIA FERNANDES COSTA

Unico no seu genero em Portugal

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa. — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO. — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros. — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 400 páginas, cartonado ... **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

À venda em todas as livrarias

32.º — ANO — 1931

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MAGAZINE
BERTRAND

**CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA**

LEIAM O NÚMERO DE NOVEMBRO

**AOS ESTUDIOSOS
AOS BIBLIOFILOS**

Recomenda-se a leitura de

**O bairro da Graça
consagrando
Latino Coelho**

Notavel trabalho literario de Mário Portocarrero Casimiro com prefacio do dr. Alfredo da Cunha e ilustrado com desenhos originaes da pintora D. Maria Adelaide Lima Cruz, do caricaturista Francisco Valença, do estatuario Cesar Barreiros e do pintor Roberto, uma fotografia de San Payo e diversas outras.

Preço 7\$50

A' venda na filial do "Diario de Noticias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|------------------------------|
| 1 — Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16 — Gil Vicente |
| 2 — Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17 — Camilo e o Centenário |
| 3 — Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18 — Júlio Denis |
| 4 — Alexandre Herculano | 19 — Júlio Dantas |
| 5 — Gomes Leal | 20 — Ex-libris |
| 6 — Eça de Queiroz | 21 — Sonetos contemporâneos |
| 7 — Guerra Junqueiro | 22 — Sá de Miranda |
| 8 — Eugénio de Castro | 23 — Nicolau Tolentino |
| 9 — Os eternos sonetos de Portugal | 24 — Garcia de Rezende |
| 10 — A Batalha (2.ª edição) | 25 — Latino Coelho |
| 11 — Bocage | 26 — Soror Mariana |
| 12 — Marcelino Mesquita | 27 — Ramalho Ortigão |
| 13 — As mais lindas quadras populares | 28 — D. João da Câmara |
| 14 — António Nobre | 29 — H. Lopes de Mendonça |
| 15 — Marquesa de Alorna | 30 — A Cerâmica |
| | 31 — Cartas de Soror Mariana |
| | 32 — Júlio Cesar Machado |
| | 33 — Manuel Bernardes |
| | 34 — Gonçalves Crespo |
| | 35 — Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Noticias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

ACABA DE APARECER

Biblioteca dos Pequeninos

N.º 32

O prefinho de Angola

POR

CÉSAR DE FRIAS

Com ilustração de ILBERINO DOS SANTOS

Engraçada e educativa historieta, em que se narram aventuras de dois meninos, o Jubim e o Nini, um preto e outro de raça branca. Sete são os capitulos desse pequeno e encantador romance para as crianças dos 8 aos 12 anos lerem.

Preço: 5\$00

A' venda na Filial do Diário de Noticias,
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
e em todas as Livrarias

... Por isso



a CAFIASPIRINA não falta na minha mesinha de cabeceira, pois tanto a mim como aos meus familiares nos prestou e continua prestando verdadeiros benefícios. Eu podia encher um livro de testemunhos favoráveis a esta bellissima combinação química, pois estou satisfeitiíssima e agradecida aos seus indiscutíveis meritos curativos.

... Assim pensa um como tantos outros. Va. Exa. mesmo se convencerá.

CAFIASPIRINA

nos traz o bem estar, alivia o cerebro e não ataca o coração nem os rins.

ESTORIL-TERMAS

Estabelecimento HIDRO-MINERAL e FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de Agua Termal — Banhos de Agua do Mar, quentes — Banhos Carbo-Gasosos. — Duches — Irrigações — Pulverisações — Etc.

Fisioterapia: Luz — Calor — Electricidade Medica — Raios Ultra-Violetas — Diatermia — Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

CONSULTA MÉDICA: 9 ás 12

Telefone: E. 72



Os homens do amanhã

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
deira, 115 -
LISBOA

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necesarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã. Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos deliciosos e alimenticios.



GRATIS

MAIZENA DURYEA

salva!

Sofre de perturbações no aparelho digestivo e de incomodos provocados pela prisão de ventre? A sua tez é amarelada e tem, ao despertar, a lingua pastosa e mau halito? Tome de manhã e á noite, num copo d'agua, uma colher das de café de "Sal de Fructa" ENO, - preparado salino efervescente, levemente laxativo, exempto de assucar e sal mineral purgativo.

ENO ajuda a digestão e regula-ri-sa o intestino, naturalmente, como o faria a acção benéfica dos fructos bem maduros.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositaris em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^o. LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA.

Quereis economizar? Shelllubrificar

TELEPHONE 87524
Telegrams:
"Navair", Brisbane

T & G BUILDING
QUEEN STREET
BRISBANE

Queensland Air Navigation Limited
AIR SERVICE OPERATORS
and
AIR MAIL CONTRACTORS

23rd May, 1930.

The Manager,
The Shell Company of Australia Limited,
BRISBANE.

Dear Sir,

One of our Machines, a Gipsy Moth, VH-UIR has used Golden Shell Oil solely and the Oil has been changed at proper intervals, with the result that when the Machine came in for a general overhaul, after having covered 35,000 miles, there was no necessity for replacements, and Bearings etc. were found to be in perfect order, equal to many machines that have only done 50 hours running on other Lubricating Oils.

I also wish to mention the fact that the Air Service Machines, using Siddeley Lynx Engines and your Lubricating Oil, Golden Shell, have done 275 hours per Engine, covering 16,000 miles in the first month, at the cost of only one valve spring, and the Engines are in perfect order and condition.

I am,
Yours faithfully,
J. M. Treacy
Technical Advisor.

CADA
GOTA
CONTA

TRADUÇÃO

Um dos n/ aparelhos, um Gipsy Moth, VH-UIR, que consumia apenas Oleo Golden Shell, e que era substituído com os intervalos devidos, ao ser submetido a uma vistoria geral, depois de haver percorrido 35.000 milhas, verificou-se que não carecia de qualquer peça substituída, e que as chumaceiras, etc., estavam em perfeito estado, exactamente como muitas máquinas que tinham somente 50 horas de voo, e que consumiam outros oleos lubrificantes.

Desejo tambem citar o facto de, os aparelhos dos Serviços Aereos, que são munidos de motores Siddeley Lynx e lubrificadas com o Oleo Golden Shell, terem feito 275 horas por motor e coberto 16.000 milhas no primeiro mês, haverem sofrido unicamente a substituição duma mola de valvula, encontrando-se os motores em bom estado de conservação e funcionamento.

SHELL

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO
R. Cecílio de Sousa, 77-1.º
(Ant. R. da Procissão)
Telef. : 2 1467

EDITOR : Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 118

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR :
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE :
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : 2 3132

16 DE NOVEMBRO DE 1930

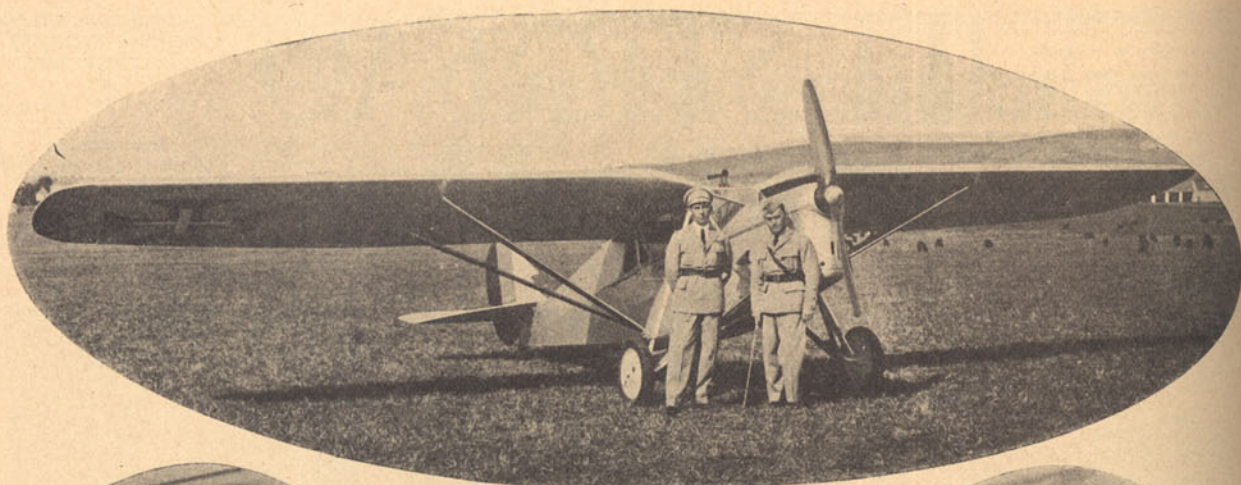


A INAUGURAÇÃO DA SALA COLUMBANO NO MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA

No atelier que foi do mestre e por generosa doação de sua ilustre viúva, organizou o pintor Sousa Lopes a «Sala Columbano» do Museu que dirige.

A grande intelectualidade portuguesa, o mundo artístico, assistiu à inauguração solene dessa sala, que é o mais alto monumento à memória do genial pintor Columbano Bordalo Pinheiro. As nossas fotos representam : Em cima, as entidades oficiais no acto da abertura, e em baixo a família e os íntimos de Columbano após a cerimónia solene.

(Fotos H. Novais).



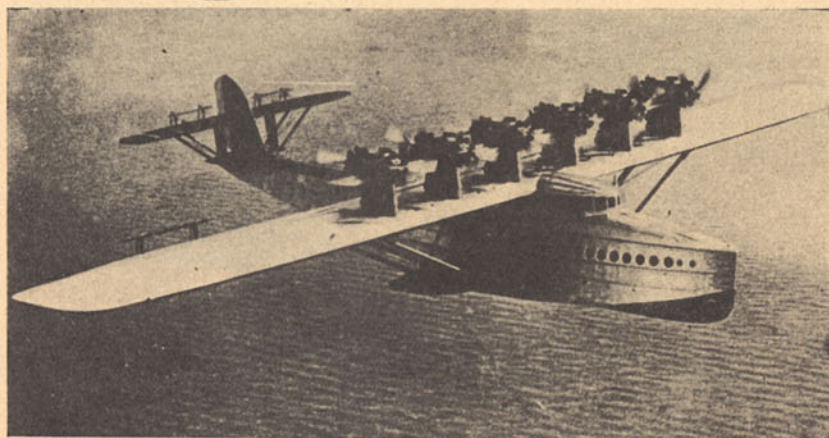
O «RAID» LISBOA-INDIA PORTUGUESA

O pequeno avião «Marão» em que os arrojadados aviadores portugueses capitão Moreira Cardoso e tenente Sarmiento Pimentel iniciaram o «raid» Lisboa-India Portuguesa, partindo da Amadora. Os dois tripulantes, junto do seu aparelho, antes da partida

NO MEDALHÃO da esquerda — O capitão-aviador Moreira Cardoso na carlinga

NO MEDALHÃO da direita — O tenente-aviador Sarmiento Pimentel no seu lugar da carlinga

(Fotos «Ilustrações»)



EM CIMA — O hidro-avião gigante «D. O. X.», levando 50 pessoas a bordo, tripulado pelo engenheiro Dornier, partindo para a primeira «étape» da sua projectada viagem à América, atravessando o Atlântico pelos Açores e Bermudas. O gigantesco aparelho em pleno vôo sobre as águas

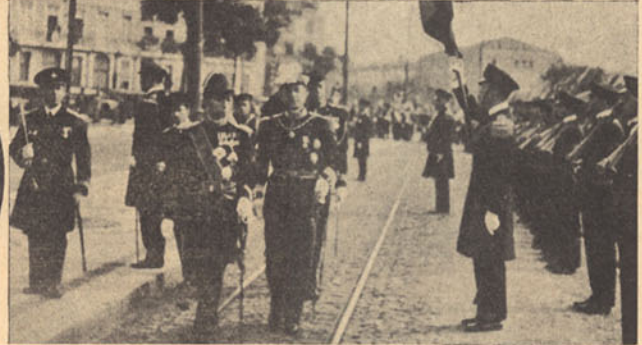
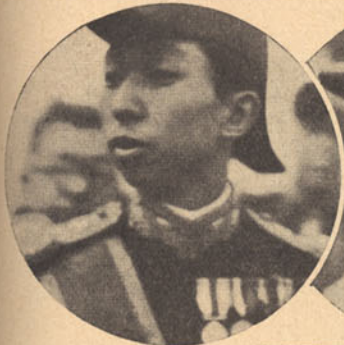
(Foto Orrios.)

À DIREITA — O aeródromo internacional de Alverca recebeu a visita do curioso avião bi-plaça «Junkers K. 47», especial para caça e acrobacia, tripulado pelo célebre aviador Neuenhofen. O piloto (em cabelo) e o mecânico, com diversos amigos e senhoras da colónia alemã que visitaram o aparelho e presenciaram as experiências notabilíssimas

(Foto «Ilustrações»)



A HORA DA AVIAÇÃO



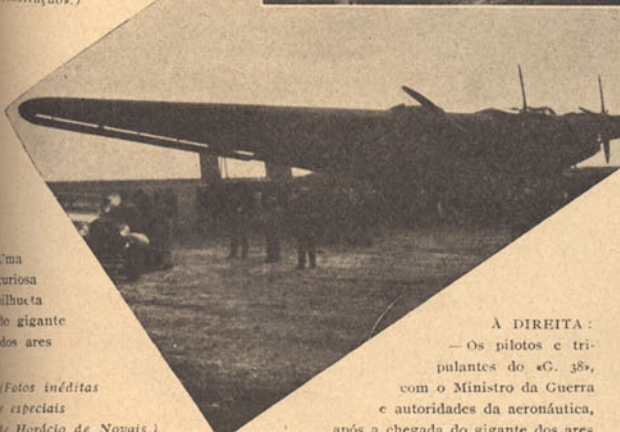
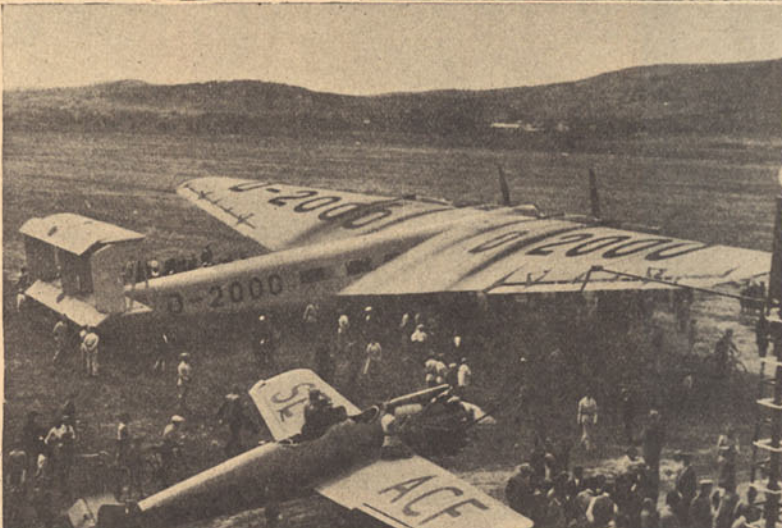
OS PRÍNCIPES, TAKAMATSU EM LISBOA

De cima para baixo e da esquerda para a direita — O banquete de gala no Palácio de Belém; os convivas. — O príncipe Takamatsu e sua esposa, a princesa Niko, com o sr. Ministro dos Estrangeiros, à sua chegada ao Estoril. — Dois instantâneos característicos do nosso ilustre visitante durante as cerimônias oficiais. — O príncipe Takamatsu e o sr. Ministro da Marinha, passando revista às forças que lhe prestaram guarda de honra.

(Fotos de Horácio de Novais, especiais e exclusivas para «Ilustração».)

O GIGANTESCO AVIÃO G. 38 EM LISBOA

A população da cidade pôde agora contemplar o gigante dos ares, o formidável aparelho Junkers «G. 38» que aterrou em Alverca vindo de Madrid. Na nossa foto, à esquerda, vê-se o colosso, com os seus quatro motores, pousado na pista internacional, sendo curioso o contraste do seu tamanho com o do outro «Junkers», que está tomando gasolina.



Uma curiosa silhueta do gigante dos ares

(Fotos inéditas e especiais de Horácio de Novais.)

A DIREITA: — Os pilotos e tripulantes do «G. 38», com o Ministro da Guerra e autoridades da aeronáutica, após a chegada do gigante dos ares



NOTAS DE ACTUALIDADE



Uma scena do grande filme «Linha Geral», a obra prima de S. M. Eisenstein, o genial encenador russo, filme que, na sua actual exhibição num dos salões de Lisboa, está marcando um dos mais altos sucessos artísticos até hoje alcançados entre nós por produções mudas. O arranjo do grupo de aldeãos, os seus tipos marcadamente «slavos», a beleza do enquadramento e da fotografia, tornam este quadro, como muitos outros do filme, uma verdadeira maravilha de arte.

EM CIMA, à direita:— Um cabeça expressiva.— A protagonista do grande filme de Eisenstein, «Linha Geral», uma camponesa que se revela genial actriz

A DIREITA:— A taça misteriosa.— A mais recente invenção, em matéria de curiosidade, é esta pequena taça que assegura que os copos não caem, nem mesmo que se coloquem numa posição aparentemente instável como a que mostra a foto. É uma invenção que será utilíssima nos combóios e barcos. Uma pequeníssima pressão é bastante para erguer o copo.

(Foto Orrios).



NO OVAL, da esquerda:— Grupo de assistentes à inauguração da nova séda da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, realizada há dias com extraordinário entusiasmo colectivo e rodeada de afirmações de grande solidariedade de classe.

(Foto Novais).



CITANIA DE BRITEIROS

O formoso artigo que publicámos no nosso número 114, sob esta epígrafe, artigo que encerrava a primeira série do grande inquérito «Grandezas de Portugal», omitia lamentavelmente o prestigioso nome do ilustre investigador capitão Mário Cardoso, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de cujas valiosas obras sobre a Citânia foram extraídos todos os elementos de erudição incluídos no mesmo artigo, e que não podiam, como é óbvio, constituir bagagem científica dos jornalistas que o subscreviam. A ausência demorada no estrangeiro do director desta revista impediu que esta rectificação há mais tempo saísse impressa como era devido, para testemunhar gratidão ao Ilustre investigador, e desagrável da injusta omissão do seu nome no aludido artigo, se bem que a sua digna abstenção de publicidades a quisesse dispensar.

Também servem estas linhas de resposta a um conhecido e conflituoso colaborador de alguns jornais que, a este respeito, nos desfezou, para aí algures, algumas despitadas diatribes que, se pretendiam visar a direcção desta revista, resvalam pela nossa proverbial solidiedade jornalística como a pedrada dum disco em quem vai imperturbavelmente ao seu trabalho.

J. S. F.

A ESQUERDA:— Chegada à estação do Rossio do grande amigo de Portugal, Edgard Lippens, que, a Lisboa, vem dar algumas conferências sobre momentosos assuntos e problemas luso-belgas.

(Foto Novais).

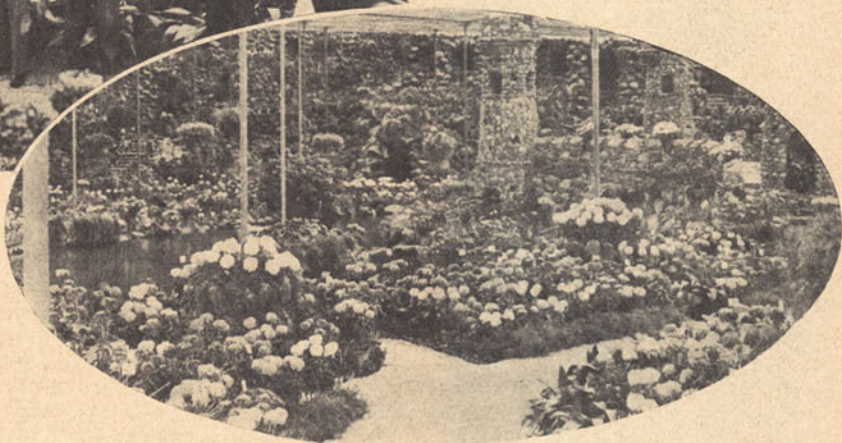


FACTOS E FIGURAS



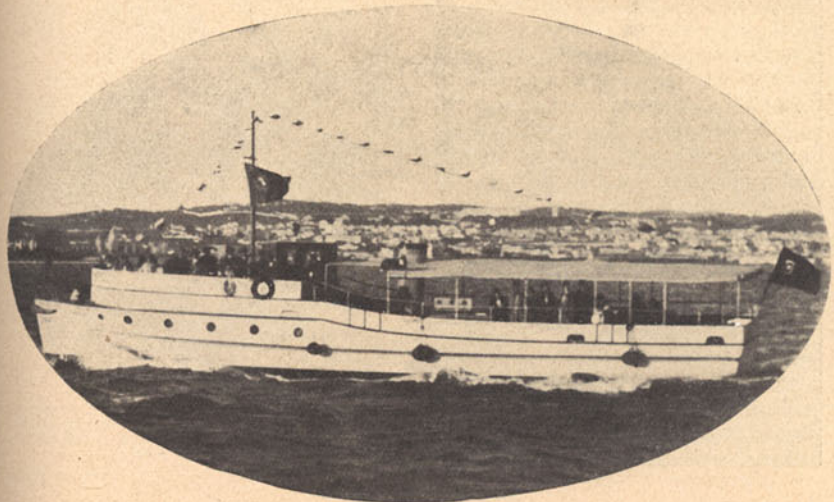
A ESQUERDA: — Inauguração da exposição de crisantemos na estufa fria da Câmara Municipal, no Parque Eduardo VII. O senhor general Carmona, Presidente do Ministério, ministros e vereadores, durante a cerimónia oficial.

NO OVAL: — Um aspecto da deliciosa exposição de crisantemos na estufa fria do Parque Eduardo VII



O genial poeta hindú Rabindranath Tagore, que está doente com muita gravidade, recando-se pela sua preciosa vida. (Foto Orrios).

A DIREITA: — O prémio da «Europe Nouvelles», destinado à melhor obra política do ano foi outorgado a Salvador de Madariaga, que se vê sentado ao centro, pela sua obra «Ingleses, Franceses, Espanhois». A esquerda do premiado, Tardieu, presidente do Conselho, e Leon Blum, seu cordial adversário. (Foto Orrios).



Maginot, ministro da Guerra de França, cuja visita a Madrid é muito comentada. (Foto especial para «Ilustração»).

A ESQUERDA: — Um dos magníficos barcos recentemente postos em serviço para a travessia Terreiro do Paço-Cacilhas, barcos modernos que são excelentes e comodíssimos.



CÉSAR DE FRIAS

O nosso talentoso colaborador, que acaba de obter um grande êxito com o seu livrinho para crianças «O pretinho de Angola», em que afirma o seu inegável mérito de contista.

(Foto «Ilustrações».)



WALDEMAR GUIMARÃES

O moço pintor brasileiro regressado há pouco de Paris, e que inaugurou uma comentadíssima exposição de quadros seus na Galeria Bobone.

(Foto H. Novais).



S. M. A RAINHA DA BELGICA

Tendo ao seu lado o sr. Armando Cortezão, nosso Alto-Comissário, durante a visita que a soberana fez ao Pavilhão Português na Exposição de Antuérpia.

(Foto «Ilustrações».)

AOS NOSSOS LEITORES

A direcção desta revista, animada com o acolhimento que lhe tem sido dispensado nestes cinco anos de publicação ininterrupta, permitindo a existência, no nosso país, de uma publicação gráfica de luxo que não envergonhe a nossa indústria e as nossas artes, vai, a partir do próximo dia 1 de Janeiro, introduzir grandes modificações na sua apresentação, enriquecendo-a gráficamente, aumentando o formato dos "hors-texte", que terão as dimensões médias de 18 x 24, reproduzirão as grandes obras primas da pintura antiga e moderna, serão realizados em 4 e 5 côres por um grande gravador especialmente contratado e ornados de molduras especiais, modificando o aspecto das suas capas, etc.

Também a colaboração literária e artística será mais perfeitamente cuidada, no sentido de uma maior vibração jornalística, será aumentada a informação gráfica de todo o mundo e comentada a actualidade portuguesa e estrangeira numa série de pequenos artigos ilustrados que possam reflectir, inteira e flagrantemente, toda a fisionomia da quinzena decorrida. Novas secções surgirão, como a de "Teatros" e a de "Motores" (páginas técnicas e informativas), modificando-se o aspecto de algumas das existentes e restituindo-se a periodicidade merecida a outras.

Realiza, em suma, esta direcção, uma série de esforços que maiores seriam se, todos os seus amigos, além do valioso auxílio pessoal, quizessem obter dos seus amigos, para este labor, igual coadjuvação. Cada assinante angariar um novo assinante seria obra fácil e dar-nos hia ásas para apresentar uma grande revista europeia. Por enquanto, porém, e na esperança dêsse vosso gesto, a "Ilustração" vos agradece tudo que por ela haveis feito e vos brindará todos os próximos melhoramentos conservando sempre o seu preço actual.



ALDINA DE SOUSA

A malograda estrela do teatro ligeiro, cujos méritos muito se evidenciaram na opereta, e cujo falecimento emocionou os meios artísticos.



D. JACINTO BENAVENTE

O glorioso dramaturgo espanhol, Prémio Nobel da Literatura, que acaba de estrear, com grande êxito, uma nova obra «Los andrajos de la purpura».

(Foto Orriol).

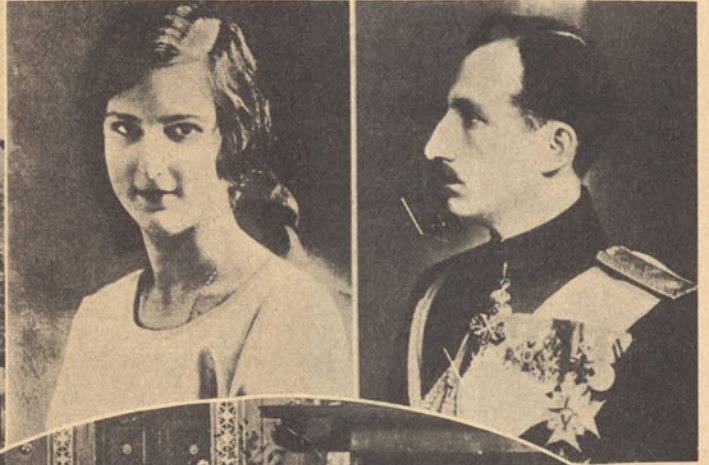


MARIA PALOU

A eminente actriz espanhola na obra de Benavente «Los Andrajos de la purpura», estreada com clamoroso êxito em Madrid, e em que a grande artista alcançou um grande triunfo pessoal.

(Foto Orriol).

UM CASAMENTO DE SOBERANOS



O recente enlace matrimonial da linda princesa Joana de Saboia, filha terceira dos reis de Itália, com o rei Boris da Bulgária, além da importância política que ofereceu, revestiu aspectos curiosos. Em cima, à esquerda, a igreja de São Francisco, em Assis, delicioso templo onde se realizou a cerimônia. À direita, os últimos retratos dos noivos régios. Ao centro, dois aspectos da confecção do vestido da noiva, que foi cortado à moda tradicional da região de Assis, onde viveu o Poverello, e bordado por lindas operárias italianas nos seus mais pequenos detalhes. Em baixo, no medalhão, o príncipe de Piemonte, irmão da noiva, e sua esposa, a princesa Maria, filha dos reis dos Belgas, que ainda há pouco casaram também e assistiram agora às solenes cerimônias de Assis, e finalmente, à direita, um flagrante instantâneo dos Augustos esposos à saída da igreja, após a cerimônia nupcial.

ILUSTRAÇÃO

O sport, nas nossas colónias em África e especialmente na província de Moçambique, encontra-se já num grau de desenvolvimento assás notável. Deve-se em parte este desenvolvimento não só à grande colónia estrangeira existente naquela nossa província ultramarina, como à sua aproximação com as possessões inglesas da Rodésia, Transvaal e províncias do Cabo e Natal, onde o sport é praticado com a mesma intensidade que na Europa.

Na Beira, segunda cidade da província de Moçambique, cidade relativamente pequena e muito moderna, existem já cerca de 20 courts de tennis, um óptimo campo de golf, que figura no número dos melhores do grande continente Africano, e cinco magníficos campos de foot-ball. Dêstes últimos é digno de especial menção o pertencente ao Sport Lisboa e Beira, com um excelente palanque, bancadas para o público, vestiário, bar, salas da Direcção, salão de baile, sala de leitura, arrecadações, etc., etc., tudo construído em cimento armado e subordinado aos mais modernos processos de conforto e higiene. Esta obra grandiosa, que coloca o sport Lisboa e Beira entre os primeiros clubs sportivos da África, deve-se exclusivamente ao espírito verdadeiramente patriótico e sportivo da população da Beira, que ocorre sempre, carinhosamente, às festas de benéfico que aquele club costuma promover a favor do seu cofre. A nossa foto representa os jogadores dêste club que conquistaram o campeonato local.



O ilustre homem público, eminente escritor e grande jornalista dr. Brito Camacho, com os dirigentes da prestimosa Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio de Lisboa, em cuja séde social fez uma notável conferência



A ESQUERDA — O arcebispo de Tóquio, Nitschidu Nogutschí, o mais alto dignitário japonês da igreja católica, igreja que foi levada ao Japão pelos portugueses, e que está realizando pela Europa uma larga viagem de estudos e propaganda

(Foto Orrios.)

A DIREITA — Nitschidu Nogutschí, arcebispo japonês católico de Tóquio passando nas ruas de Berlim com os seus hábitos talares

(Foto Orrios.)

EM BAIXO — Grupo dos congressistas de Antropologia (15.º Congresso) durante a sua visita às grandiosas instalações da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, em Gaia

(Foto Belza)



Foto Belza



O MESTRE DE FIEMALLE

Santa Barbara lendo,

na sua casa

QUINZENA DESPORTIVA

Li algures, há poucos dias, uma definição de desporto que me encantou; numa entrevista concedida pelo futebolista inglês Bunyan, jogador do Stade Français de Paris, este declarou: «O desporto deve ser para o indivíduo que o pratica uma simples distração, o meio de conservar a mocidade até o mais tarde possível. Nada mais».

Na sua simplicidade, esta frase representa para o meu espírito uma concepção perfeitíssima do ideal desportivo, que devia ser afixada, em letras de metro, à entrada de todos os nossos terrenos de jogos.

O desporto desvirtuou-se no dia em que lhe ligaram o interesse; o dinheiro, que tudo perverte, estragou também por contágio a população desportiva.

As scenas degradantes que semanalmente se repetem nos campos de football, agressões, desmandos, apupos, são exemplo cabal do que afirmo e demonstram quanto anda errada a missão educativa do desporto. Aqueles que o praticam, buscam em grande número uma vanagem material, directa ou indirecta; as coactividades que a êle se dedicam, vivendo dos lucros que as suas exhibições proporcionam, procuram valorizar-se sem escrúpulos nos meios a empregar. Assim, a desmoralização, caminhando de cima para baixo, infiltrou-se camada a camada e atingiu os alicerces do edificio.

Hoje só se encontra, com as naturais excepções, verdadeiro desporto na prática dos jogos impopulares, aqueles que apenas custam dinheiro e sacrifício aos que os praticam.

A definição de Bunyan, com o andar dos tempos, avança cada vez mais para o limite dos ideais, um limite que se sonha, mas nunca se vive em realidade.

O SEGUNDO «RÉCORD» MUNDIAL DE LADOMÈGUE

Uma semana após a sua inolvidável proeza dos 1.500 m., Jules Ladoumègue, fornecedor de «réCORDs» a prazo fixo, conseguiu na mesma pista do Stade Jean Bouin derrubar um novo máximo mundial.

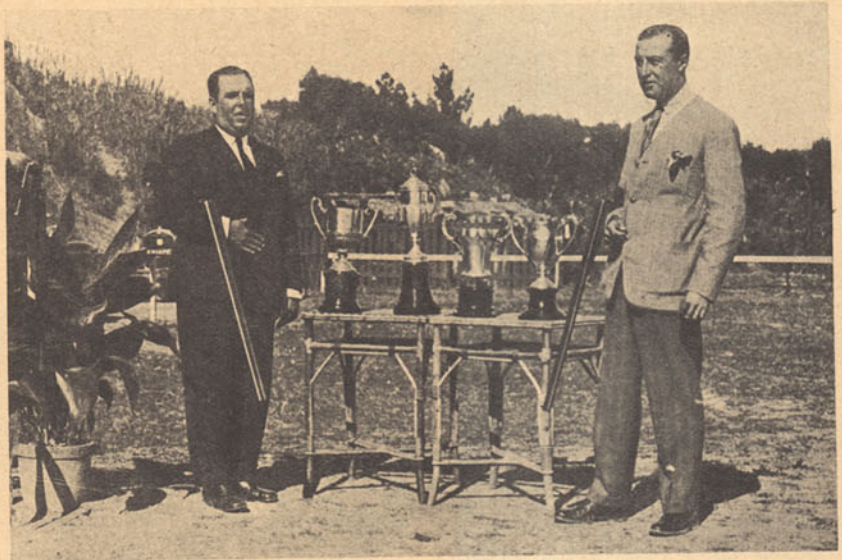
Para liquidar a existência em activo na tabela de «réCORDs» internacionais, do alemão Otto Peltzer, o francês ensaiou o quilómetro e, com a maior facilidade, melhorou o tempo de quasi

dois segundos, gastando a percorrer a distância 2. 23 s. 3/5.

Martin, Keller e Féger, foram, como da vez anterior, os camaradas preciosos que auxiliaram o fenómeno na realização do seu intento. Embora o resultado alcançado seja notável,

hora (6^m,5 por segundo); entrando em linha de conta com o aumento de distância e proporcional acréscimo de despesa energética, o valor relativo das duas proezas inclina-se favoravelmente para a de maior percurso.

A propósito nos parece curioso acrescentar



Albano Pinto Basto e Alberto Rosado, com as taças que conquistaram no concurso de Lisboa de tiro aos pombos

o feito não iguala o antecedente; o tempo de Ladoumègue nos 1.500 metros é atléticamente superior a este dos 1.000 metros, o que se verifica comparando as velocidades médias das duas provas. No quilómetro, Ladoumègue andou a 23^{km},069 à hora (6^m,9 por segundo) enquanto no quilómetro e meio manteve 23^{km},560 por

que a maior velocidade registada para o motor humano, partindo parado e em base de distância fixa, é de 34^{km},951 à hora, sobre 100 m. e 200 m. (9^m,7 por segundo). Com o aumento de distância, diminui naturalmente o rendimento e assim o «réCORD» dos 400 m. corresponde a 30^{km},634 à hora e o dos 800 m. a 26^{km},039.

Nas distâncias longas o extraordinário valor do finlandês Nurmi fornece-nos uma regularidade pasmosa, que vai desde os 3.000 m. a 21^{km},582 aos 10.000 m. a 19^{km},931 à hora.

Finalmente, note-se que o melhor «réCORD» português de fundo é o da légua, correspondendo à velocidade-base de 19^{km},446 à hora, enquanto o «réCORD» mundial da mesma distância pertence a Nurmi com a média de 20^{km},732.

Manuel Dias seria batido no percurso por 310 metros.

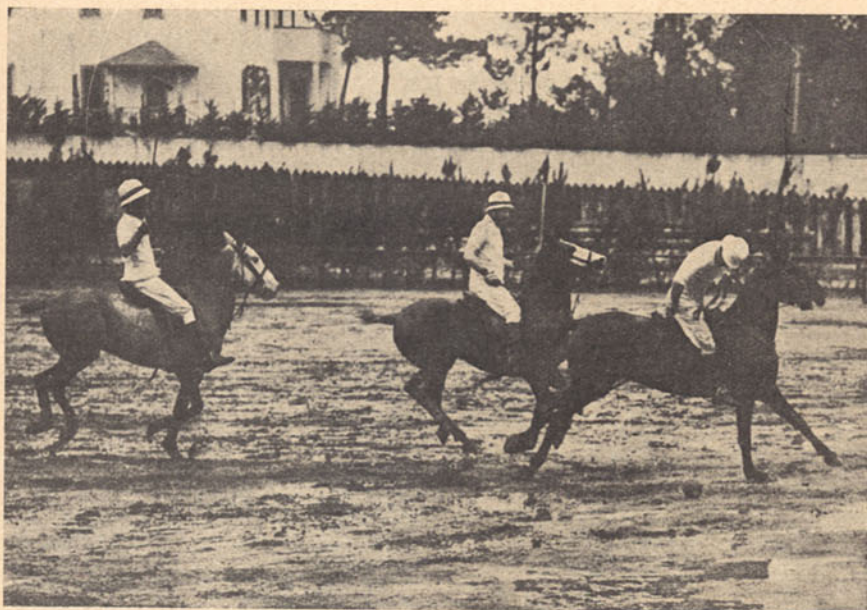
A INTRODUÇÃO DO POLO EM PORTUGAL

No campo hípico do Estoril têm-se ultimamente disputado alguns encontros de Indoor-Polo, modalidade desportiva absolutamente nova para o nosso país. A iniciativa reveste certo interesse, embora nos não pareça destinada a grande successo; desportivamente todas as condições lhe são favoráveis, pois o jogo é de evidente interesse e tem o cunho tradicional de aristocratismo que deve agradar a determinadas camadas sociais; os cavaleiros portugueses possuem justificada fama de bons entre os melhores, de molde que devem adaptar-se prontamente às exigências técnicas do jogo; mas, e aqui reside o maior obstáculo, o polo é um desporto extraordinariamente caro, para o qual são indispensáveis cavalos especiais, especialmente cuidados e preparados, e, para quem conheça o meio português, não será de fácil solução o problema.

Como espectáculo agradável, como desporto-entretenimento, o melhor, o mais nobre, futuros ao polo uma existência serena e agradável.



António Herédia Júnior, vencedor, na mesma tarde, da corrida de Out-boards Pedrouços-Vila Franca e volta e da corrida de barcos internacionais de 12 pés



A primeira exibição de Indoor-Polo, no Estoril

vel, sem contudo confiar grandes esperanças nos louros que possa trazer para o nome da nossa terra.

PROVAS DE ESGRIMA

A esgrima é de todos os desportos aquele que nos tem proporcionado mais valiosos triunfos internacionais e para o qual o português, com seu temperamento impulsivo e improvisador, parece especialmente dotado. Não há dúvida que podemos ombrear-nos com os melhores e adquirimos uma cotação que nos impõe sérias responsabilidades.

Por isto devemos exigir da nossa Federação uma constante actividade, que mantenha a forma dos «ases» consagrados e favoreça o aparecimento de novas estrélas, que parecem rarear. Nos torneios realizados foram ainda os nomes já conhecidos que voltaram a figurar nos lugares de honra, dirimindo sempre entre si uma questão de superioridade que muito nos agradaria vê-lhes contestada por atiradores-revelações.

Este aspecto do problema deve ser cuidadosamente estudado pelos dirigentes da esgrima portuguesa, para que se não encontrem a breve prazo perante os mesmos embaraços que agora apoquentam outros desportos, como o football,



Uma fase movimentada do Ginásio-Sporting em rugby, que constituiu uma agradável exibição



Um aspecto do jogo Belenenses-«Os 13» no festival de abertura da época de basket-ball

por exemplo, que não soube criar uma nova camada de valores para substituir aqueles que atingem o declínio.

Os nossos espadistas mais distintos, os Silveiras, os Paredes, Mascarenhas Meneses, Sasseti, etc., são ainda muito novos e largo prazo de actividade têm na sua frente, mas isso não impede que se deva desde já prevêr um futuro, ainda longínquo, mas cujas dificuldades só poderão ser evitadas com um imediato plano de acção.

TIRO AOS POMBOS

Com a concorrência de alguns bons atiradores espanhóis vindos de Badajoz, realizou-se em Lisboa um concurso internacional que teve grande animação e resultou num êxito dos especialistas portugueses, que venceram todas as provas importantes. Além do dr. Correia Guedes, novo campeão nacional, distinguiram-se, no decurso das várias provas, Albano Pinto Basto e Alberto Rosado, cada um dos quais conquistou duas taças.

REGATAS DE OUTONO

O belo programa de regatas de Outono que a Associação Naval organizou, não deixando esmorecer a animação crescente dos desportos náuticos, permitiu registar um facto que se não deve repetir com frequência: uma dupla vitória, na mesma tarde, em duas regatas de tipo diferente.

António Herédia Júnior, após haver brilhantemente triunfado na corrida de «out-boards» Pedronços-Vila Franca-Pedronços, batendo todos os adversários por mais de meia hora, participou da prova reservada aos barcos internacionais de 12 pés, alcançando também o primeiro lugar. Este duplo sucesso, em provas de motor e de vela, demonstra um belo ecletismo e honra por maneira o seu autor.

JOGOS DE INVERNO

A actividade dos jogos em campo mantém-se crescente com o avançar da época; em football os campeonatos regionais seguem seu caminho, sem grande brilhantismo, sendo evidente em Lisboa uma baixa de valor das «equipes» em luta.

O «rugby», enquanto espera a abertura da época oficial, manifesta a sua primeira actividade em treinos que revestem já grande interesse, augurando-nos uma excelente época.

Finalmente, o «basket» iniciou também os seus trabalhos, num festival em que se exibiram os melhores agrupamentos das várias divisões na época passada.

Assim, todas as modalidades praticadas entre nós durante os meses de inverno, retomam curso e entusiasmo, levando à vida sã ao ar livre algumas centenas de rapazes que buscam no desporto saúde e vigor.

SALAZAR CARREIRA.

Visões de neurastenia. DE COMO MORRERAM OS MEUS SEIS GATOS

POR WENCESLAO FERNANDEZ FLOREZ

Hermanñ Keyserling escreveu um livro, *A Imortalidade*, onde insinua que existe um mundo sobrenatural à nossa volta, mundo que não podemos advertir por deficiência dos nossos meios de percepção. Eu estou conven-

que a gente vê-los, mas ouvem-se ou sentem-se de alguma maneira. Vezes houve em que, escrevendo a altas horas da noite, na solidão silenciosa do meu escritório, tive a intuição vivíssima de que um ser invisível lia por

educado e não me incomode». O ser invisível desaparece imediatamente. Divulgo esta experiência porque sei que muitas pessoas são vítimas, em análogas circunstâncias, da mesma impertinência.

Também não é difícil vê-los de vez em quando. Esta visão é muito rápida e não tem nada de espantosa, como podem crer os pusilânimes. Há momentos em que não se vê senão luzes; luzes de diversas cores.

Algumas pessoas vêem pássaros; outras, sombras sem um contorno preciso. Para mim, o mundo do desconhecido está povoado de gatos. Passam rapidamente pelo chão, e só quando os posso vêr de soslaio. Saem duma parede macissa para se meterem noutra, ou saltam de repente entre os meus pés. Detenho-me, olho e... já não há nada.

Nunca me ocasionaram o menor incômodo, e não tenho, em justiça, que lhes dirigir a menor censura.

Gosto de gatos, e não me desagradava vê-los atravessar em pé ligeiro um quarto, ainda que sejam simples espectros.

Só uma única vez sofri por causa dêles uma impressão angustiosa. Mas tratava-se, então, de gatos vivos, reais, tangíveis.

Foi assim:

Guitián, o meu criado, anunciou-me que a gata tinha dado à luz seis gatinhos.

— São muitos — comentei.

— São muitos — assentiu êle. — Em compensação, quem pudesse dizer o mesmo da vaca! Não anda muito bem regido êste mundo. Que destino dar a todos êsses bichanos?

— Não sei.

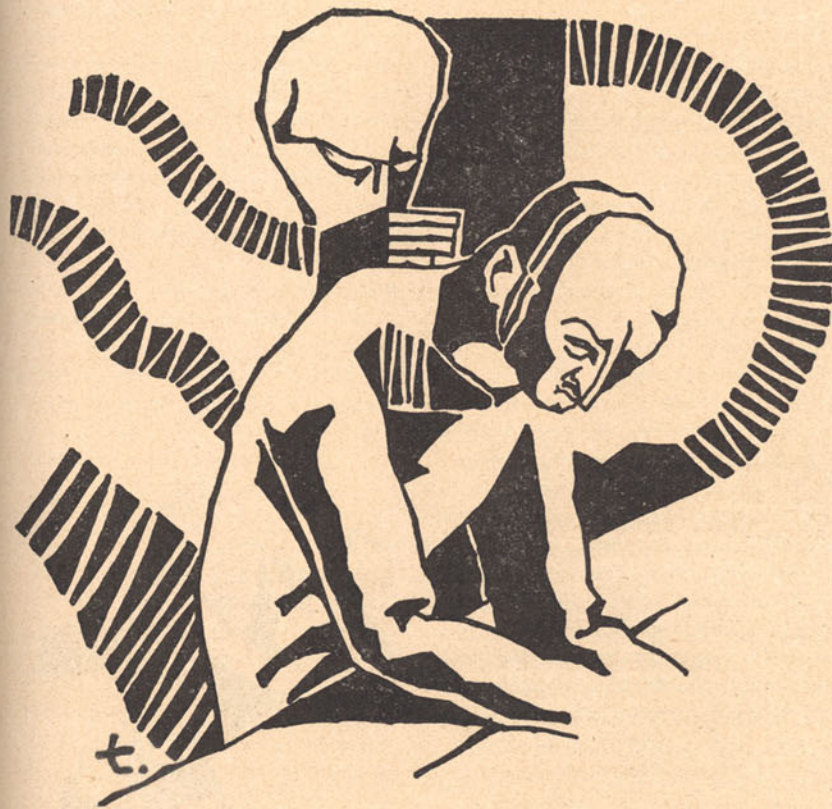
— Matá-los.

— Coitadinhos!

Guitián ergueu as suas fartas sobrancelhas.

— A mim também me dá pena, senhor. Não tenho coragem para assassiná-los.

Resolvi:



cido de que Keyserling tem razão, e podia mesmo juntar aos seus argumentos alguns outros incontestáveis. Uma das vantagens que proporciona a posse da neurastenia é, precisamente, a capacidade de se lobarigar alguns seres estranhos. As vezes não conse-

cima do meu ombro as palavras que eu ia escrevendo.

Nunca me assustei; sofria apenas a sensação embaraçosa daquela espionagem.

Quando isto sucede, costumo pegar num linguado e escrever rapidamente: «Seja bem



— Deixa isso para mais tarde, Guitián.

E decorreu mês e meio. O meu criado lamentava-se:

— Não sei como livrar-me desta odiosa ninhada. Tôda esta bicharia come mais que duas pessoas juntas, e andam sempre enredados nos pés da gente. Procurei dá-los, mas ninguém os quere. Noutros sítios, deitam-nos ao mar; aqui não há mar nem sequer um rio bastante fundo.

Ocorreu-me uma ideia.

— Levá-los ao monte e abandoná-los.

— Não está mal pensado. Assim farei — ofereceu.

E uma manhã safu com os seis gatos dentro dum cesto. Andou mais de uma légua, soltou-os e deu grandes palmadas para afugentá-los. Os pobres bichos deitaram a correr, com o rabo levantado, e detiveram-se a uma distância prudente: por fim, obrigou-os a refugiarem-se num campo de milho.

Então, supondo não ser visto, dependurou o cesto no braço e regressou apressadamente a casa. Ao longo do caminho ouvia-se um precipitado rumor de folhas sacudidas. Guitián pensou:

— Parece que me veem seguindo.

E empreendeu uma corrida velocíssima. Deteve-se, quási sem alento, e enxugou o abundante suor. Naquele instante, entre um canteiro de goivos, apareceu um gato na sua frente; depois, outro; por fim, os seis. E todos se puseram a miar de fome.

O meu criado andou vários dias taciturno. Uma tarde vi-o cavar um fosso junto à taipa do meu jardim. Olhou-me, carrancudo, e disse-me:

— Será hoje!

Depois de ceiar entrou no meu quarto. Ficou-se ante mim silencioso, apertando os lábios, esfregando os dedos com um movimento nervoso e maquinal, como se quisesse despegar dêles qualquer coisa de repugnante.

— Já está! — afirmou.

Estava lívido, e, embora tentasse sorrir, advertia-se que no seu espírito latia uma impressão dolorosa e horrível. Pensei que fôsse relatar-me a execução dos gatos, por essa necessidade de confidências que sentem todos os criminosos, e ordenei, terminante:

— Não me contes nada.

Inclinou a cabeça e safu. Pode ter cometido aquele acto feroz, mas... era um bom homem.

No dia seguinte, quando dava o meu passeio matinal pelo jardim, pareceu-me ouvir um débil miar. Lembrei-me dos pobres seres assassinados, e escutei.

— É uma obsessão — pensei.

E seguí passeando. Sem consciente vontade de ir àquele sítio, encontrei-me ao lado da taipa onde a terra removida indicava o sítio onde haviam sido enterrados os seis cadáveres. E ouvi então miar mais distintamente.

Detive-me, horripilado.

Outros miados sucederam-se àquele.

Corri em busca de Guitián. Encontrei-o na cozinha, com a cabeça oculta entre as mãos e o cabelo em desalinho sobre a testa.

— Guitián! — chamei.

Levantou para mim seu rosto descomposto.

— Guitián: anda um gato a miar debaixo da terra do algrete.

Sorriu, com o sorriso do desvairo.

— Não é um gato, senhor.

— Não é um gato?

— São seis! São todos os seis a miar! Também eu os ouvi.

Olhou em volta, a tremer muito.

O estupor fez-me permanecer mudo um instante.

— Que fizeste, Guitián?

Traçou um vago gesto de desespero.

— Creio que perdi a alma, senhor.

Contou, surdamente. Não tivera coragem de matá-los. Metera-os no cesto para levá-los ao fosso e, afim de abreviar a cruel tarefa, arrojou-os dentro com cesto e tudo, cobrindo-os depois com terra.

— O cesto estava fechado? — indaguei.

— Naturalmente! Se o tivesse aberto, quem lhes lançava mão?...

— Então... vivem dentro do cesto.

— Vivem dentro do cesto, sim senhor.

E apartamos os nossos olhos apavorados.

*
*
*

Vinte e quatro horas depois ouvia-se o miar dos pobres bichanos. Bastou-me vêr o aspecto de Guitián, que passeava sombriamente pelo sítio mais remoto do jardim, para compreender tudo.

— Continuum?... — perguntei.

E êle deteve-se, com as mãos detrás das costas e olhou-me com estranha dureza.

— Então não os ouve? — respondeu. — Haverá acaso algum ruído na terra capaz de abafar o que produzem êsses desgraçados? São cinco, apenas, os que hoje gritam; mas não há sítio onde as suas queixas não cheguem. Oiço-os sempre, ainda que meta a cabeça debaixo dos lençóis, ainda que me afaste do jardim, ainda que me ponha a triturar café no moíno velho...

Houve uma pausa.

— Dizes que agora... são cinco?

— Sim, cinco nada mais.

— E... o outro?

Com os olhos desorbitados, chegou-se mais a mim e disse:

— O outro comeram-no, senhor. Não me resta dúvida. Tiraram à sorte... Depois do naufrágio do *Arosa*, os que iam no bote também tivemos que tirar à sorte...

Que grande coração! Tremia de febre.

Talvez que as suas palavras me tivessem sugestionado; mas o certo é que eu ouvi desde então o miar dos cinco gatos em tôdas as estâncias e por todos os sítios. Imaginava-os revolvendo-se no interior do cesto quási esmagado, com os pêlos eriçados, brilhando-lhes ferozmente os olhos nas densas trevas, sujos da terra que devia entrar pelas separações dos vimes.

Daf a quatro dias ainda miavam. Guitián tinha emagrecido tanto que as chancas caíam-lhe dos pés. Eu ia vê-lo ao canto da cozinha onde ocultava os seus remorsos.

E ia contando os gatos que deixavam de miar.

— Restam dois. Sofremos ainda quarenta e oito horas.

E na madrugada seguinte:

— Só falta um. Amanhã... estará tudo terminado.

Mal aparecer o sol, corremos ao jardim. Um gato, um único gato, queixava-se ainda



tristemente, com um fiosinho de voz dolorida e confrangedora.

E queixou-se outro dia, outro e outro, e uma semana mais... Contra toda a lógica, os seus lamentos cresciam de intensidade. Já não era aquela espécie de choro de recém-nascido, ouvido através duma parede. Era, às vezes, o colérico miar dum gato que se enfurece, e, outras, o longo, carpido e convincente grito que os gatos modulam sob a lua de Janeiro, quando procuram convencer a gata a deixar-se amar.

O nosso horror aumentava. Vivíamos num espantoso conto de Poë. O meu criado dissera-me:

— Isto termina mal, senhor.

E estávamos convencidos de que, com efeito, aquela triste história ia ter um desenlace catastrófico, que pressentíamos confusamente.

Uma tarde em que passeávamos na estrada — fugíamos da casa e do jardim o mais possível — disse ao melancólico esqueleto que caminhava ao meu lado:

— Guitián: não compreendo como possa viver ainda êsse pobre ser (referíamos-nos a êle com compaixão e carinho); há quasi um mês que está enterrado; ainda que lhe chegue algum ar, que come? Nenhum animal poderia resistir tanto tempo nessas condições.

— Vive do próprio rabo, senhor.

— Do próprio rabo?

— O senhor bem sabe que o rabo dos gatos cresce, e ainda mais na idade do infeliz, que é uma criança. Comerá um bocado diariamente, e diariamente nascer-lhe há outro bocado.

— Isso é uma loucura, Guitián.

— Ai, senhor! E que quer que faça o desgraçado?

— Guitián.

— Diga, senhor.

— É preciso tomar uma resolução...

— Que resolução!

— É preciso... acabar com êle.

— Mas... como?

— Pisemos mais a terra sobre o seu corpo.

— Não sei se terei força bastante.

— Eu ajudo-te. Vamos lá agora?

Passou uma mão pela frente e resolveu:

— Vamos lá...

Corremos ao jardim. Da barraca da ferramenta extrairmos o maço com que se nivelavam os caminhos, e dirigimo-nos para o lugar fatal, que tão bem conhecíamos, junto da taipa.

Eu resisti um pouco. Receava não sei que surpresa sobrenatural.

— Dá-lhe! — ordenei.

O homem levantou o maço, ainda indeciso.

— Dá-lhe! — gritei corajosamente.

E o pesado instrumento caíu com ruído



surdo sobre a terra. Guitián, com os olhos extraviados e a boca torcida, repetiu os golpes ao mesmo tempo que exclamava:

— Perdão, perdão!... Pobre vítima! Desventurado mártir, mais mártir que todos os mártires juntos! Perdoa-me, perdoa-me! Morre! Mato-te para teu bem, triste bichano! É o patrão que mo ordena!

Eu deitei a correr porque pensei que enoidecia.

* *

Desde aquele momento, o gato miou mais obstinada e furiosamente que nunca.

— Senhor — veio dizer-me Guitián, que estava num estado lamentável — vou-me embora.

Incline o rosto.

— Compreendo, meu fiel Guitián, compreendo. Esta tortura é insuportável...

— Se se refere aos miados dos seis gatos — porque agora voltam a miar os seis — devo dar-lhe uma boa notícia: daqui a meia hora podem gritar quanto lhes apeteecer, porque não penso ouvi-los.

— Vais para a cidade?

— Vou-me suicidar, senhor. Não posso mais. Envenenaram-me a vida, como disse o senhor abade quando os médicos lhe proibiram comer mais de seis pratos. Apenas pretendia saber se era muito incómodo para o patrão que me dependurasse do castanheiro que há à entrada da porta. Não me impor-

taria que fôsse outro qualquer, mas êsse é o mais forte.

— Meu caro Guitián — respondi, comovido — escolhe a árvore que quizeres. Utiliza mesmo o pecegueiro, embora não goste nada, e tu sabes muito bem, que lhe destruíam as ramas. Mas, tratando-se de ti... Porém, antes de te deixar fazer a tua vontade, proponho-te um projecto.

— É tudo inútil.

— Demos a última batalha.

— Não. Adeus, senhor. Que seja muito feliz, se lhe fôr possível.

Foi-se.

— Guitián — vociferei da porta —: ainda podemos jogar a última cartada.

— Qual?

— Porque não os desenterramos?

Hesitou um instante. Arrastei-o então comigo e meti-lhe uma enxada na mão. Os miados eram espantosos como nunca, e formavam um concerto tremebundo. Cavámos, cavámos... Iamos vêr sair uns animais monstruosos, cobertos de terra, informes, com os olhos pegados pela terra também... Cavámos, cavámos...

A enxada tocou no cêsto, desfeito e apodrecido...

Outro golpe...

E apareceu o pequeno e confuso montão dos gatos, que começava a diluir-se na terra; todos êles mortos, putrefactos e... silenciosos.

MOSAICO REGIONAL

AS LINDAS E AMOROSAS MULHERES DO MINHO

O Minho conseguiu encantar, conseguiu prender na sua paisagem o arco-íris. Toda esta província está afogada numa verbena de tintas. Há campos, retalhos de terra, que parecem lenços de ramagem caídos do céu; há jardins que lembram cromos; há mulheres que são retalhos de romarias, passando a vida a rezar canções, atravessando as horas numa permanente dança de roda.

O Minho é um jardim num eterno mês de Agosto. Pode não haver rosas, mas há cantigas. Pode não haver sol, mas há risos e gargalhadas.

Eu gostaria, por isso, de dedicar às lindas e amorosas mulheres do Minho, em vez deste elogio, em lugar desta crónica, uma extensa exposição de aguarelas. Nesta província, a côr é a imperatriz das atitudes, dos costumes, do trabalho. O desenho dos corpos das mulheres, desenho nacional, desenho bem português, tem linhas fortes e elegantes. O corpo de certas minhotas é uma obra de arte, realizada por um artista de génio. Por cima desses corpos, em pinceladas caprichosas de guarnições, abre-se a indumentária, sempre fresca, viçosa, sempre colorida, sempre em festa.



A meio da tarde, com um sorriso de generosidade, vai aos campos levar a merenda



Enquanto chove os dedos fiam e os lábios rezam...

O grande orgulho da mulher minhota está todo na sua devoção aos trabalhos agrícolas. Por cima, muito acima da vaidade de possuir um traje vistoso, regional, ela coloca, como nenhuma outra, todo o seu entusiasmo, todo o seu amor, em cuidar da terra, trabalhando e cantando, lado a lado do homem. Bem sei que a mulher portuguesa, embora tenha as mãos em casa para reazr sôbre o berço de um filho ou diante de um oratório, atrai sempre os braços para os trabalhos mais árduos e violentos. Na mulher do Minho, a devoção ao trabalho destaca-se, porém, pela alegria com que ela anda, desde a manhã ao crepúsculo, cantando e mcendo o corpo nos serviços dos campos.

Também a mulher duriense trabalha, ombros à altura dos ombros do homem, mas, toda abraçada a velhas saúdades íntimas, prefere louvar o céu com uma lágrima do que com uma cantiga. A trasmontana, vizinha da duriense, é também sua vizinha, quasi irmã-gêmea, no olhar afogado em tristeza, na melancolia dos gestos, numa ausência de tudo o que a rodeia. A beirôa, a da Beira Baixa ou a da Beira Alta, de tanto olhar a paisagem austera, as serras esfingicas, mesmo de olhos abertos, parece adormecida num sono de amor e de sofrimento. Bem sei que a mulher portuguesa adora o trabalho como adora a família. Antes da ligação, do juramento do matrimónio, já ela se junta ao homem no casamento do mesino esforço, da mesma luta pela vida. Mas, de província para província, ela é diferente, não no entusiasmo com que se lança ao trabalho, mas no testemunho de alegria e sofrimento com que se debruça sôbre a terra.

No alvorecer da mocidade ou no crepúsculo da velhice, rodeada de filhos ou abraçada a

uma promessa de matrimônio, toda a mulher do Minho acorda cedo, a sorrir e a cantar, para subir o calvário da labuta quotidiana. E para a minhota todos os caminhos são curtos, todos os caminhos estão embandeirados de esperanças, de alegrias e de amores.

Logo de manhã cedo, quando o dia se faz anunciar numa promessa de luz, de bom tempo, ela aí vai, enfeitada, vestida de domingo, a caminho da feira, cesto debaixo do braço, meias brancas, pernas brancas, pernas de virgem. Por lá anda, feirando, comprando. A meio da tarde, quando o mercado atinge a hora do fim de festa, o seu coração lembra-se de outro coração, e os seus olhos abertos diante de outros olhos, sonham, namoram, tombam na quimera ambiciosa de um casamento.

No campo, sobre os grandes tapetes de terra, a linda mulher do Minho enfrenta os trabalhos árduos com um sorriso de permanente felicidade. Anda por entre os pinheiros, com a cintura enfaixada, de ancinho em actividade, juntando folhas, restos de ramos, retalhos de árvores. Vai pelos caminhos, quando o dia se aproxima dos minutos vizinhos do crepúsculo, à procura dos soldados do campo, para lhes dar a merenda. A sua passagem, abre-se mais luz no céu e nas fitas tortuosas dos atalhos. Do seu rosto, que lembra sempre uma rosa ou um fruto, desprende-se uma generosidade que dispõe bem os olhos de quem as olha. Ah! As mulheres do Minho descobriram o segredo de fazer do trabalho uma eterna romaria. Por isso elas passam os dias, a vida, a cantar, à beira dos ribeiros, enchendo a água de canções, ou por entre árvores, na faina impiedosa, abafando a fadiga com gargalhadas.

Quem percorre o Minho, quem atravessa as suas aldeias cheias de lendas e de valores arquitectónicos e históricos, fica com a impressão, ao ver os campos cobertos de trabalhadores, de que nesses lenços de terra é que se realizam as tradicionais festas religiosas... Sabendo que o trabalho é a mais pura das religiões, o minhoto transforma a labuta campestre em festa. Fica bem aqui, como justificação, como documento do que afirmo, uma referência, embora sintética, à arriga, a festa, a apoteose dos braços que rezam trabalho no Minho, dentre os quais se destacam os braços femininos. A arriga é a faina santa e pagã da colheita dos linharais. O ilustre escritor e meu amigo Manuel Boaventura, um escritor com talento maiúsculo, minhoto e artista, descreve, como eu não sei que alguém tenha descrito, a arriga, com pinceladas largas e emotivas, no seu delicioso livro *Contos do Minho*. Trata-se de um trabalho agrícola com o bulício e a espectacularidade de uma romaria. Vale a pena passar em Junho, no Minho, e ficar, como espectador atento, diante dessa concorrida represen-



Ao nascer da manhã, a minhota, de traje escarolado, vai para a feira...

tação de trabalho e folia. Logo ao acordar da manhã, chegam em bandos, aos grupos, rapazes e raparigas que estão convidados para a arriga. E logo que o linho chega à eira, para a derraça, o trabalho atinge uma ressonância de festa. Toda a gente canta, toda a gente louva o sol, reza a Deus canções. Caem no ar cantigas ao desafio. Trocam-se ramos, canções e corações... Sob o fogo do sol destacam-se as chamadas dos vestidos das mulheres, destacam-se os versos que vôm dos lábios rubros das mulheres do Minho — motivo decorativo e sentimental de todas as horas de trabalho.

Essa estreita, íntima, colaboração da minhota com o homem, na faina violenta da terra, toda pincelada de paganismo, transforma-se, nas horas remançosas do amor, em misticismo. Nos dias de chuva, quando sobre os campos tomba essa neblina triste, de

melancolia transparente, em trabalhos caseiros, cosendo ou fiando, a mulher do Minho parece rezar baixinho a Deus para que o mau tempo desapareça depressa. Ao crepúsculo, ela recolhe-se, ausente de todas as alegrias, e ajoelha diante dos oratórios e dos santos dos caminhos. Sempre que o céu está triste a mulher do Minho entristece e, por isso, no seu rosto, nas horas saudosas de luz, de sol, há também saudades da alegria.

Mas, na generalidade, a minhota até nos momentos de infortúnio e de ilusão sabe ganhar-se com o ópio das cantigas. Há meses, próximo de Viana do Castelo, na Arcosa, apontaram-me uma velhinha, rosto sulcado de rugas, cega, que, aquecendo-se ao sol, cantava, baixinho, uma canção de amor, rodeada de netinhos. A seguir, sintetizaram-me a novela da sua vida: — Chamam-lhe a *Cotovia*. Desde pequena, desde a madrugada

ILUSTRAÇÃO

da sua mocidade, que lhe colaram aquele *sobriquet*, que é, afinal, como que a radiografia do seu temperamento. A sua vida tem sido uma canção. Amou e sofreu sempre a cantar! Nos trabalhos de campo, entre as raparigas da sua aldeia, do seu tempo, a sua voz era adorada, a sua alegria era procurada como um tónico de maravilhoso resultado. Aos 22 anos, quando o seu corpo era uma tira de sol do meio-dia, alegre e elegante, ajoelhada aos pés do «senhor padre», juntou, numa jura eterna, as suas mãos às mãos daquele a quem pertencia o seu coração. Passaram um ano de delicioso amor. Um dia, êle, estremecido de aventura e ambição, resolveu partir para longe, para o Brasil. Ela não se opôs. Um fim de tarde, a *Cotovia* despedia-se, num gorgoejo de lágrimas e soluços, do seu homem. Ao outro dia, uma amiga encontrou-a a chorar e a cantar, a caminho da fonte, levando a filhinha, um novêlo de carne, nos braços. Ele, nos primeiros meses, nos primeiros anos, mandava-lhe dinheiro e promessas de, em breve, a vir abraçar. Para a *Cotovia* cada uma das cartas do marido era um motivo de festa, era um dia de trinados. Mas, enquanto os anos passavam, as cartas



Lavadeiras do Minho, lavadeiras que enchem os ribeiros de canções...

foram rareando e a *Cotovia* envelhecendo. Hoje, cega, gastando os últimos dias de vida vai gastando também as últimas esperanças de o beijar. Já não é aquela *Cotovia* das romarias e das festas agrícolas que entontecia os rapazes com as suas cantigas. Perdeu a luz dos olhos mas não perdeu a luz da voz. *Quem canta seu mal espanta* e, por isso, a *Cotovia*, que sabe de côr a quadra, vai adormecendo o coração, vai adormecendo a vida com cantigas.



Sorriso em troca de outro sorriso, numa promessa de matrimónio...

O retrato desta vida é, afinal, o retrato, pouco mais ou menos parecido, de tôdas as mulheres do Minho. Se tropeçam na estrada difícil da existência, se lhes sai ao caminho uma hora de luto ou um assalto de desilusões, estremeceem, hesitam involuntariamente e logo prosseguem na caminhada, com nova bagagem de esperanças, com novos sonhos à espera de lindas e iluminadas realidades.

Para a minhota, a arte de saber viver é a arte de saber cantar. Um domingo de tarde, à saída do cemitério de Monção, vi e ouvi eu duas raparigas, vestidas de luto, que vinham de visitar a sepultura da mãe, enterada há menos de oito dias, e que, de olhos no chão, cantavam numa voz de segrêdo, numa voz vestida de crepes. Em Guimarães, a cidade que ensina História Portuguesa aos nacionais e estrangeiros que a visitam, em certo dia garrido de feira que por lá passei, assisti ao milagre de ressurreição de uma rua que guarda, certamente, passos de Mumadona e de Afonso Henriques... Nessa rua, rua para ser admirada por sábios-arqueólogos, passava, sob um sol principesco, um grupo de moçoilas, lindas, jovens, rosadas, que dava a impressão de um ramo de papoilas. Cantavam. Cantavam alto, num geito folião de romeiros, e deixavam atrás de si uma nuvem de delírio pagão. Vi eu, numa viagem de imaginação, que as pedras dessa rua centenária rejuvenesciam, tocadas pela rajada de mocidade que passava, como se uma transfusão de sangue juvenil se tivesse efectuado do coração juvenil dessas raparigas para o coração adormecido da rua. O Minho é um livro de cantigas. Por isso, tôda a minhota sabe conjugar, em todos os momentos, em todos os tempos, com entusiasmo, com amor, o verbo cantar!

No Minho, ao contrário de certas províncias onde já entrou o vício cosmopolita do

adultério, do divórcio, em larga escala, perdura um afecto eterno, existe ainda aquele amor que dura até à morte. O culto da família e do lar tem lá um cunho clássico, tradicionalista, que começa fenecendo em terra portuguesa. Segundo uma estatística de um apaixonado da honestidade, a mulher do Minho resolve os conflitos do lar com o divórcio em menos 70 por cento do que a mulher de qualquer das nossas restantes províncias. E, depois disto, recordando as loucuras e os vícios femininos desta hora, termina-se por louvar a minhota como um modelo ideal de mulher.

GUEDES DE AMORIM

(Fotos de António A. da Silva — Barcelos).



Andam por entre pinheirais, com a cintura enfaixada, de ancinhos em labuta, juntando fôlhas e troncos mortos das árvores



ARTISTAS NOTAVEIS

A EMINENTE E FORMOSA ACTRIZ MEXICANA MARIA TUBAU, QUE PROJECTA EM BREVE REALIZAR UMA SÉRIE DE SENSACIONAIS REPRESENTAÇÕES EM LISBOA



Beethoven na juventude

É sempre grato falar daqueles homens geniais que, com as suas obras sublimes, produto da força do seu gênio, conseguiram agitar intensamente a nossa sensibilidade: propícia, estremer fibra a fibra todos os registos da nossa psique, indo até às nevas (como essas chuvas fecundas da Primavera em terreno ávido e bem preparado para o florescimento.

É sempre grato porque para se falar — ainda que seja com pouca eloquência — de homens de tal natureza, não é preciso forçar o cérebro; basta deixar-se levar suavemente pela emoção, evocando aquelas múltiplas sensações gritas que recebemos da mão pedagoga do gênio, desenvolvendo tão generosa dilação em palavras estremeradas, calorosas, salidas em jacto do mais fundo do nosso coração.

Deixemos, pois, ao crítico, informado e consciencioso, a tarefa — penosa e ingrata para nós — de analisar o valor estético das obras beethovenianas; abramos de par em par as portas do espírito, e que este, que foi quem mais directamente recebeu os dons geniais, emita umas palavras simples, mas que tenham, no entanto, a fragrância de todo aquilo que é sincero e espontâneo. Abramos as portas do espírito e que não fique tapada nenhuma fresta.

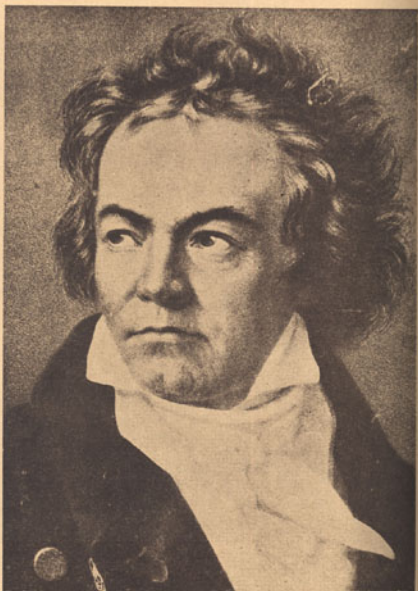
Beethoven não é um músico «divino»; é qualquer coisa mais de consolar, de atermentado, de dramático; é o músico mais

IMPRESSÕES MUSICAIS

BEETHOVEN, O HUMANO

humano dos músicos, o artista mais generoso e sensível; agudo e vibrante, tódo a sua vida por uma angustia. Aclamarão os choques Perigo por terríveis golpes em sua sensibi-

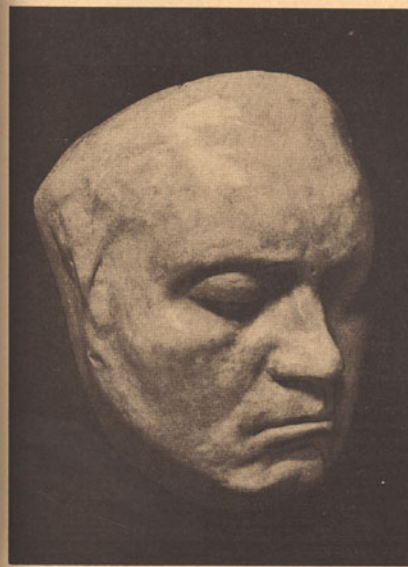
lidade aguda e vibrante, tódo a sua vida por uma angustia. Aclamarão os choques Perigo por terríveis golpes em sua sensibi-



Beethoven na velhice de trabalho

ludário à captação do seu vigoroso mundo interior. O seu viver, preado de profunda fé humana, alcança a hipertrofia monstruosa e genial de todas as suas potências mentais, vindo como se dilata cada vez mais

o seu coração de artista supremo, o seu pobre e magnífico coração em carne viva, que aumenta minuto a minuto, tornando-se imenso como o oceano — um oceano esplêndido e clamoroso, quando o comovem paixões éticas



A escultura de Beethoven jovem



Um belo retrato de Beethoven

e sociais; calmo e magestoso (mas com magestade pouco aparatosa e nada wagneriana) quando se sente estremecido pela recidiva ternura ou pelo anhelso amoroso.

Simdo Beethoven, como é, o mais alto cume do romantismo musical, compreende-se como na sua música resplandecem, com intensidade impressionante, todos os eternos valores sentimentais do homem na sua peregrinação pela vida. Não há nada humano que não vá plasmar-se definitivamente na obra polifônica do titan; não há luta, atrito, desajo ou impeto do homem que não encontre em Beethoven o seu exato intérprete. Pôde dizer-se com razão que ele abarca, define e leva em si próprio a vida inteira; é um mundo completo de afinidades, de sugestões, de ressonâncias íntimas e espirituais.

Todos os homens reconhecem — acrescentado e sublimado pela arte mais pura e veraz — o dramatismo da sua própria vida ao escutar essa música, plena de humanismo, repleta de virtudes interpretativas, cheia de instantes emotivos, quistosenciada, enfim, no filtro maravilhoso que é a alma de todo o homem genial.

Em contacto com a natureza, lá nele uma forte eclosão do sentimento pánico; o seu temperamento diámbico absorve todas as factas que a natureza lhe brinda; enche-se-lhe a retina das mais diversas tonalidades, cobriagando-se com a harmonia das cores que a paisagem oferece a todo aquele que sabe contemplá-la: Surge «A Pastoral» como inevitável corolário da saudade que o gênio sofre ante o panorama que a natureza lhe



Beethoven na mocidade

mostra; belezas ocultas, imperceptíveis, vêem impressionar os olhos deslumbrados

alma, ao definir minuciosamente a dolorosa trajectória, o acidentado desenvolvimento do seu espírito superior, Beethoven interpreta e define ao mesmo tempo os sentimentos de tódta a humanidade. Daí que as multidões se reconheçam no seu vasto e tormentoso orbe sinfónico; daí que alguns críticos considerem Beethoven como o músico da perfeita democracia, isto é, o que conseguiu arrancar a música elevada dos salões aristocráticos, onde ela se achava reclusa, absurdamente monopolizada por uma classe social, que gozava—só ela—de tão inapreciável privilégio. O autor de «Coriolano» libertou a música, abrindo-lhe a porta da sua jaula dourada, para que ela pudesse estender-se por tódta as almas do mundo, levando os seus ecos deslumbrantes às próprias entranhas das multidões. Beethoven, efectivamente, não é um músico para minorias; é

Este perene e grandioso matiz humano que caracteriza a música de Beethoven foi o que quisemos destacar nesta breve glosa.

Muitas pessoas, que gostam de frases feitas, chamaram—e ainda chamam—repetidamente a Beethoven «o divino surdo». Para



Beethoven na época dos primeiros sucessos

nós, o admirável criador da «Quinta Sinfonia» foi sempre um tanto mais concreto e menos vago do que um músico «divino»:—foi um artista genial e divinamente humano.

FRANCISCO PINA.

(Inédito e especial para «Ilustração».)



A casa de Heiligenstadt onde morreu o imenso artista

do grande artista; o seu espírito reage doce e violentamente; há uma fusão plena, uma cópula ardente e material; parece que a própria paisagem se sensibiliza ao comungar com o magno intérprete, mostrando-se-nos então a natureza nua e virginal, magnífica de imensas belezas.

O «documento humano» em luta com as suas próprias qualidades psíquicas e também com o mundo externo, é para Beethoven, como para todos os grandes criadores do romantismo, fonte inextinguível de inspiração. Ao exprimir os seus próprios estados de

um músico para povos, com um vigoroso sentido universalista.

Por ser um formidável atleta do Civismo, a coluna mais sólida do período romântico, tódta as suas produções têm o mais varonil e atormentado acento humano, podendo dizer-se que Beethoven é a voz musicalizada da humanidade, o receptáculo hiper-sensível das suas queixas, das suas dores, suas alegrias e anhelos; a expressão artística mais formosa e comovedora, enfim, da tragi-comédia que o homem deve representar na sua passagem pela vida.



O túmulo de Beethoven no cemitério de Viena de Austria

UMA REVELAÇÃO MUSICAL

ORGULHO DO NORTE

Maria Alice, oito anos duma vivacidade inconfundível, um lindo sorriso a iluminar de adorável candura uma expressão de suave encantamento, não tem ainda biografia. Mas é presentemente mais do que um apontamento a considerar. É uma revelação musical de que o Norte se pode orgulhar com legítimo desvanecimento.

A vida a sorrir-lhe em efflúvios doirados, rica, mas ambicionando por temperamento uma educação modelar, trocando sem esforço as bonecas inerentes à sua idade pelo estudo devotado dos idiomas estrangeiros, Maria Alice é o enlêvo enternecido de seus pais, — D. Sílvia Ferreira, senhora da primeira sociedade portuense, e Delfim Ferreira, o grande e culto industrial do Norte.

A pequena artista do violoncelo, uma por-

celana animada que tem a gentileza de certas infantas das lendas medievais, proporcionou-nos, há dias, à hora da sua lição, uma esplêndida sessão musical que, pela elevação e sentimento com que decorreu, podia, sem exagêro, nivelar-se aos bons concertos.

No palacete Ferreira, à rua Heróis de Chaves, — um refúgio carinhoso numa moldura aristocrática, — os donos da casa acolhem as suas visitas com requintes de elegância fácil e de fidalguia cativante. O ambiente revelava-nos, num momento, uma doce e sugestiva intimidade, a certeza dum lar perfeito onde duas almas tocadas da asa immaculada da bondade vivem no mesmo ritmo affectuoso.

A lição começa, sem pretensões, sob o arroubo fundamentalmente orgulhoso de sua mãe, D. Sílvia Ferreira, que é, também, uma

delicada e sentida organização de artista, e sob a solicitude, quasi paternal e profundamente emotiva, do velho Suggia, — pai, e, também, primeiro professor de violoncelo dessa gloriosa artista de fama mundial que se chama Guilhermina Suggia.

Programa amplo e selecto, onde cabem as verdadeiras filigranas da arte musical.

Maria Alice, cujo rosto tem a frescura duma redondilha, passa os seus deditos ágeis e mimosos pela escala do violoncelo, entretanto que a arcada, já na posse duma atitude elegantíssima, desfere com elevação e sobriedade os primeiros compassos do *Souvenir d'Allemagne*.

E essa melodiosa e velhinha partitura, que dir-se-ia ter sido arrancada do arquivo dum castelo medieval, adquire na interpretação da jóvem artista uma grande justeza, uma expressão sensibilizadora! *Souvenir d'Allemagne*, que o professor Suggia explica, olhos presos à névoa duma saudade longínqua, ter sido a primeira música executada pela filha, ganha, nos vários andamentos, feitos moços, subtilezas de amorável enternecimento.

A lição, que representa afinal um magnífico concerto, prossegue com a colaboração de preciosismo de D. Sílvia Ferreira, pianista impecável, alma de artista ligada a sua filha pelos mesmos laços de sangue e por idêntico sonho criador de emoções de belesa.

Vem depois o *Menuetto*, de Bach, página duma tessitura dulcíssima, feita de espiritualismo recolhido que uma perfeita execução nos transmite, dominando-nos.

Maria Alice demonstra-nos, agora, Schubert, no *Wiegenlied*. São novos ritmos, novas sonâncias. A pequena artista, exibindo a sua técnica apreciável, aumenta a nossa surpresa, deixa-nos a alma prostrada, ao interpretar o «pianíssimo» e todo o colorido pujante do descritivo da *Danse Rustique*, e da saltitante *Joyeuse*.

O violoncelo sob a sua acção suave prolonga-nos o êxtase, emociona-nos na *Gondoliera*, de Squire, impressionante de vigor e opulenta de sonoridade.

Maria Alice, em concordância com um brilhante jornalista portuense, «foi uma grande artista que nasceu sob o céu azul da nossa Pátria». Afirmação espontânea, verdadeira e sentida.

Está nesta criança o índice duma primorosa organização de artista, — intuição debruçada ansiosamente sobre um horizonte largo que será, num futuro próximo, através do estudo devotado e duma cultura superiormente orientada, uma *virtuose* do violoncelo, esbanjadora de emoções, a fender, num vôo sereno, a estrada vitoriosa de triunfos só atingida pelas celebridades!

Porto, 1930.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.





AS ULTIMAS MODAS

DE PARIS, LONDRES
E BERLIM

Nos modelos d'êste inverno não se notam modificações muito profundas da última linha dos modelos de verão, que não seja o acentuamento cada vez maior desas linhas, num refinamento que já se acentuou no Outono. Os modelos esguios, cingidos aos corpo, com *évasement* em baixo, em

contas altas, evidenciando mais as linhas graciosas do peito, as mangas de fantasia ou as luvas de canhão alto, num retrocesso às modas de nossas mães, na sua mocidade, tem um pitoresco curioso, se não quisermos chamar-lhe encanto. São modelos que não se compadecem, porém, das imperfeições físicas, muito ligeiras que elas sejam, modelos desenhados para o galbo desportivo da mocidade bulhosa e nervótica d'êste tempo da valsa *officiana* dos filmes sonoros, do nudismo, dos banhos de sol, dos prazeres do *camping*, do ar livre e dos bailes, modelos sempre incômodos orde haja uma pontinha de obesidade ou uns centímetros a menos de estatura, e por isso modelos difíceis de adoptar nos países em que a raça definha pela abundância de comidas, passe o paradoxo, e a falta de ar, luz e movimento. Serão, assim, as modas actuais, duradouras e geralmente adoptadas?

Não o podemos augurar; ninguém o pode prever. Que, por toda a parte, se desenhem modelos de uma fantasia deliciosa, isso é incontroverso e damos provas magníficas com as nossas páginas de modas, reprodução de fotos inteiramente exclusivas e especiais para esta secção, provenientes de de Paris, Londres e Berlim, as três capitais de luxo na velha Europa.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO: — Modelo berlines de vestido negro em *crêpe-setim*, aberto no peito, em bandas, sobre uma deliciosa blusita branca do mesmo *crêpe*. Punhos brancos; original corte do *empêcement* da saia, fingindo, com o corpo, um bolero. Saia de pregas. Chapéu de veludo branco e véo negro. (F. Bruno Winterfeld). — Outro vestido branco e preto em *setim* brilhante, de originalíssimo corte de mangas e gola. Chapéu de feltro negro, sem enfeites, a grande voga de Paris. (F. Bruno Winterfeld). — Vestido bem parisiense, em *crêpe setim*, com folhos em *godets* e espelho de rendas antigas, *crème*. Chapéu em veludo e *setim*, com grande ponta sobre o ombro. Luvas de pelica branca. (F. Bruno Winterfeld). — Uma boina inglesa, verde garafim, e na cabeça, numa linda cabeçita de *miss* penteada à *la diables* como é grande moda. (F. Bruno Winterfeld).

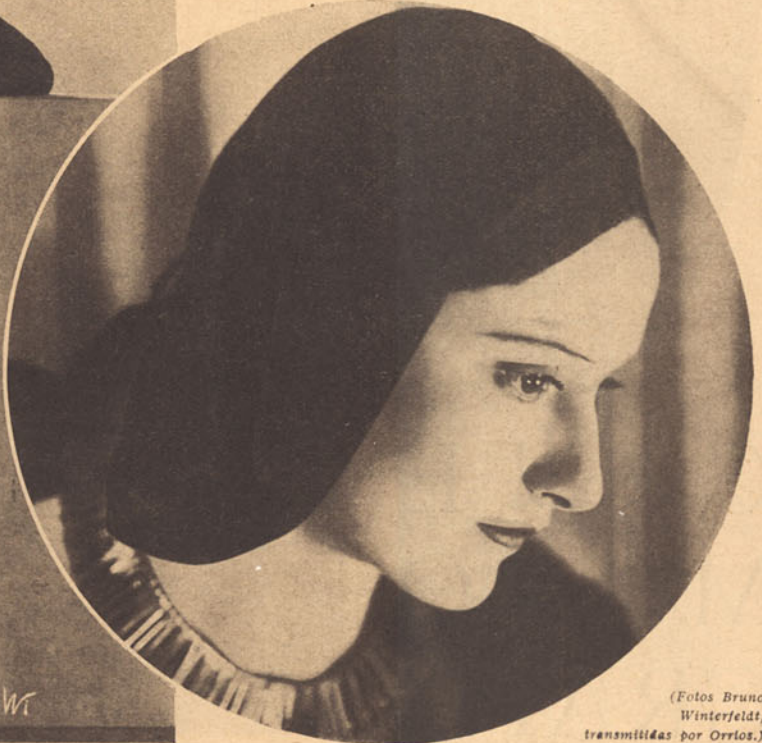
(Reportagem transmitida por Orrios).



DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO — Casaco com romeira orlada de astracan, chapéu original em feltro. — Dois caprichosos modelos de noite em crêpe Georgette e crêpe Marrocaïn negros, luvas e ornatos brancos, grandes decotes nas costas e corte de saia em *godets* a cobrir os sapatos, modelos Clara Bollen, de Berlim — Um novo modelo ori-



ginalíssimo de vestido de malha com nervuras caprichosas e inéditas abrindo sobre o coletinho e gola branca, de crêpe da China. — Um lindo chapéu-boina em veludo de seda verde-escuro, modelo Verse. Colar de agulhas de vidro prateado de inteira novidade



(Fotos Bruno Winterfeldt, transmitidas por Orrilos.)



Lilian Harvey na cine-opereta da U. F. A., produção Erich Pommer, *O Caminho do Paraíso*

A ESQUERDA: — Em *O Cantinho do Paraíso*, encenado por Wilhelm Thiele; Lilian Harvey, René Lefebvre, Jacques Maury e Henry Garat numa scena de conjunto

(Fotos H. da Costa — Paris.)



NO CUAL DA ESQUERDA — Anita Page é uma das mais belas artistas de Hollywood e das que, mais de pressa alcançaram a categoria de *star*. Ei-la no seu quarto de vestir da sumptuosa villa que possui e entregando um pijama... que dispensa mais explicações

EM BAIXO — As três graças modernas: Yola d'Avril, Fifi d'Orsay e Sandra Ravel, que serão as atrações dum novo filme de Harry Beaumont para a Metro. Uma trempé que faz cair da tripeça...

(Fotos M. G. M.)



CINE- MATO- GRAFIA

O PRIMEIRO TRABALHO LITOGRÁFICO EXECUTADO EM PORTUGAL

Na exposição realizada há pouco em Castelo de Vide figurou, na secção de bibliografia, um curiosíssimo documento de apreciável valor — o primeiro trabalho litográfico executado em Portugal. Esse documento, cuja reprodução fotográfica publicamos, foi desenhado por J. J. F. de Sousa, tenente de engenharia, e estampado por João José le Cocq, o primeiro litógrafo que houve no nosso país.

O precioso documento, de dimensões que não vão além do tamanho de meia folha de papel almaço, reproduz, com grande nitidez, um trecho do Ribatejo. Como no mesmo documento se pode lêr, representa êle um «esboço litográfico de huma parte do Mapa do Ribatejo para servir de primeiro ensaio à introdução d'êste precioso invento em Portugal, oferecido ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Señ. Conde de Suberra, Ministro Assistente ao Despacho e Ilustre Protector das Sciencias e Artes. Litografiado no Real Archivo Militar Por J. J. F. de Sousa, Ten. Acc. do Real Corpo de Eng.^{os} e Estampado por J. J. le Cocq, em Agosto de 1824.»

Como é oportuna a occasião e antes de falarmos de le Cocq faremos uma rápida história da litografia, arte que está hoje muito decaída. Foi seu descobridor o bávaro Luís Senefelder, natural de Praga e que residia em Munich. Dificuldades da vida obrigaram-no a abandonar os estudos scientifico-literários. Como não tivesse dinheiro para publicar os seus trabalhos e desejando achar maneira de os imprimir economicamente passava dias successivos numa tipografia, onde desempenhava o mister de compositor e impressor. Tinha principalmente em vista a descoberta de um processo novo que lhe proporcionasse o fim almejado — a publicação das produções da sua pena.

Certo dia, como não tivesse papel à mão para fazer as contas da lavadeira, pegou numa pedra de calça e sobre ella parcelou com uma tinta feita de preto de fumo, sabão e água, os números para fazer a conta. Concluida a soma e entregue o dinheiro à pacata mulherzinha, Senefelder, cujo espirito de investigação era notável, submeteu os números escritos na pedra com aquella tinta que preparara para uma qualquer experiência, a um tratamento por um ácido de que se utilizava para determinado fim. A partir d'êsse momento ficava descoberta a litografia, em 1796. Experiências subsequentes, já baseadas em cálculo scientifico, levaram Senefelder a aperfeiçoar a arte cuja descoberta se deve ao acaso. Um seu amigo, Gleissner, compositor de música, proporcionou-lhe meios pecuniários para êle se dedicar à nova indústria. Os primeiros trabalhos litográficos do inventor foram doze canções com acompanhamento de piano e duas com acompanhamento de flauta, originaes de Gleissner. A novidade causou successo e foi preciso fazer nova tiragem. O facto despertou a attenção das individualidades marcantes da época, surgindo vários protectores da nova indústria, entre os quais o barão de Arentin, ao qual se deve a publicação da primeira obra de importância artistica e de mais tomo.

Em 1803, em conseqüência de uma traição dos irmãos de Senefelder, que venderam o se-

BREVE HISTORIA DA LITOGRAFIA E DA SUA INTRODUÇÃO NO NOSSO PAIZ

grêdo da litografia, criou-se a competência industrial, tendo então o inventor começado a estampar sobre seda e a pintar papéis para decoração de interiores.

A conselho de alguns admiradores Senefelder

estudou as sciencias filosoficas e matematicas com Pouillet, Ampere e Guy Lussac, e estudou a nova arte da litografia na officina de Senefelder. Dois anos decorridos, regressou a Portugal, sendo nomeado director da litografia régia, instalada, pouco antes da sua chegada, no Arquivo Militar. Três meses depois foi também nomeado director e professor da Escola de Ensino Mútuo ou Normal.

Quando, em Dezembro de 1837, a litografia régia foi incorporada na Academia de Belas Artes, le Cocq, que tinha sido exonerado devido a êste facto, dedicou-se aos negócios da sua vida particular. Tendo em seu poder grande número



transferiu-se para Paris, onde pôs à venda uma tradução do tratado sobre litografia que tinha editado na Alemanha, montando também uma pequena officina na rua Servandoni, onde afluiram muitos estrangeiros, entre os quais João José le Cocq, que ali praticaram a nova arte, cuja preparação foi rápida, começando a aparecer as primeiras litografias no resto da Europa em 1820. Quatro anos depois instalou-se a primeira litografia em Portugal, trazida por le Cocq.

Senefelder, que morreu cego em 1834, descobriu também a autografia, a cromolitografia, as tintas de impressão sobre pano, o transporte, a applicação do zinco, a reprodução de antigos manuscritos e a prensa mecânica.

João José le Cocq, a quem, como dizemos, se deve a introdução da litografia em Portugal, nasceu em Lisboa a 8 de Março de 1798. Dedicou-se desde muito novo aos estudos humanistas, tendo-se matriculado, em 1814, nas aulas da Congregação da Oratória, que frequentou até 1822, sendo então nomeado pelo Governo para ir a Paris estudar as práticas do ensino mútuo e a litografia, cuja descoberta já era conhecida em Portugal. Na capital francesa

de titulos azuis de D. Miguel, comprou com êles alguns bens nacionais em Niza, Crato e Castelo de Vide, para os revender. Succedeu que nesta última vila não encontrou comprador para uma das maiores propriedades do concelho — o «Prado» — decidindo-se por tal motivo a cultivá-la. Tal interesse e intelligência pôs nêsse trabalho que o «Prado» em pouco tempo se transformou na mais progressiva granja do país, verdadeira escola agrícola onde os cultivadores de toda a parte iam receber ensinamentos. D. Pedro V, na visita que fez a Castelo de Vide, ficou tão encantado com os progressos agrícolas da granja que colocou ao peito de le Cocq a comenda da Ordem de Cristo. A le Cocq se deve a transformação da lavoura e o grande progresso que na sua época alcançou a agricultura alemtejana.

Desejaríamos, aproveitando tão óptima oportunidade, falar mais detalhadamente da arte litográfica em Portugal. A escassês de elementos, porém, impede-nos de a tal nos abalancharmos. Deixamos por isso aos investigadores tão difficil estudo, para o qual damos a contribuição da noticia que um feliz acaso nos fez deparar.

J. B.

BANHOS DE S. PAULO

O velho Manuel da Elisiária era um homemsarrão que barbava de *sulças* e falava muito, a dar-se ares, estropiando pomposamente quasi tôdas as palavras. Pequeno fazendeiro(possuidor também da casita que habitava, governava-se menos mal, com a mulher e dois filhos já paquidêrmicos, quando eu era rapazola, proibidos do uso de bigode, sob pena de expulsão da casa paterna.

Na praça de Azambuja, onde ia vender os produtos da sua horta, assentava-se junto da mercadoria e largava larachas constantes, rindo com estrondo. Basofiando de espertalhão, tentava os ociosos a tecerem-lhe carapetões. Um engraçado, numa hora jocosa, comprou-lhe uma couve e pagou-lhe com um rótulo de botica, dizendo que era uma cédula nova de 30 réis. Elisiário levantou-se, aprumou o vulto enorme e clamou indignado:

— Isto é que é um Governo! Notas de 30 réis! Se já se viu uma coisa assim!

Mas recebeu e ficou sem a couve.

Como achava que o velhice tinha reumatismo e no verão ia a Lisboa tomar banhos a São Paulo. Embarcava num combóio que partia às 9 da manhã e quando no velho relógio da igreja soavam as 7, o bom Elisiário pegava no saco com o farnel, dizia para a família:

— Tomem voemcêes conta disto, que eu vou-me chegando...

E abalava para a estação. Um dia sentou-se num banco da gare e, de tanto esperar, adormeceu. Quando acordou, tinha partido o combóio.

Chegado que era ao Rossio, ia direitinho ao balneário, o saco de ramagem bem seguro, e, porque tinha ouvido muitas histórias, desconfiava de tudo e de todos. Lisboa

era terra de muitas artes e manhas: não havia que fiar-se uma pessoa!

Terminado o banho, ia até ao Terreiro do Paço ver as gaivotas, alongava a vista para a outra margem, olhava para o cavalo da estátua...

Aconteceu, porém, numa daquelas dilatadas esperas na estação do Rossio, indiferente ao formigar dos passageiros, Manuel da Elisiária ter uma ideia que afagou com terno contentamento. Não mais deixou de cogitar, passou a noite às voltas na cama, e, quando a cara-metade, habituada a senti-lo roncar tôda a noite, lhe estranhou o desassossêgo, respondeu a casquinar o riso: — Maluqueiras em que estou a matutar, mulher!

A consorte, tranqüila com tal resposta, pegou no sono até luzir a manhã.

Foi para a estação mais cêdo ainda que o costume; mas dessa vez não adormeceu: estava risonho e feliz. Olhava o vô crepitante das andorinhas, percorria a gare ao sol alegre daquela manhã radiosa, o alentado busto metido no jaleco preto a esfregar nos cadilhos da cinta, a calça justa terminada em bôca de sino sobre os sapatos finos de vitela preta.

Era já tarde alta, quando o nosso homem

voltou a si, estirado numa *marquesa* de ferro, rodeado de blusas brancas numa casa de tecto em abóbada, onde pairava um cheiro de éter e de tintura de iodo, com cadeiras de ferro esmaltado, baldes com pedaços de algodão sujo, e dois armários de frascaria, tudo pintado a *ripolin* branco, uma larga janela a mostrar as vertentes escalvadas do Castelo e do Monte, sobranceiras a uma infinidade de telhados: Abriu os olhos, bocejou, e, alçando-se sobre um cotovelo, assustado, perguntou onde estava...

Mas como tinha êle ido parar ao Banco do Hospital de S. José?

— Pode-se ir embora e para a outra vez tenha cuidado! disse o cirurgião de serviço, voltando-lhe as costas e saindo.

O enfermeiro chamou o policia que o acompanhava, e o meu simplório conterrâneo pagou a corrida à tipóia que o conduzia.

Caminhou apressado para a estação e já de noite chegou a Azambuja. A mulher, aflita pela demora, fôra esperá-lo.

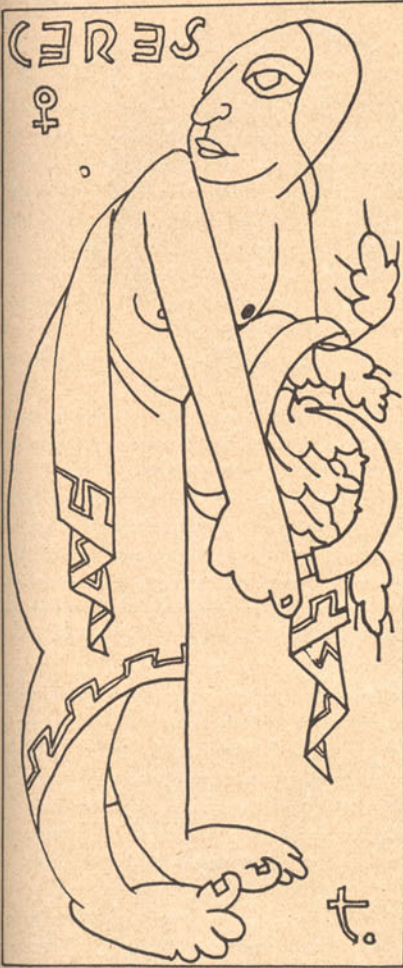
Chegado a casa narrou que, como pagava por cada banho de poucos minutos cinco tostões, pensara tomar dois banhos e pagar só um: e deixara-se ficar dentro da tina além da hora marcada...

Depois... não se lembrava senão de ter acordado no hospital... Pagara seis tostões ao cocheiro, perdera o combóio, não comera em todo o dia, e sentia-se esquisito, com dores de cabeça, mal estar...

E tudo isto que êle contou em casa em voz muito baixa, repetiu-o na manhã seguinte a mulher em voz alta às vizinhas compadecidas.

MOTA CABRAL.





Foi no Outono que subimos os quatro andares de um prédio da Baixa. O meu amigo descansava uns instantes no fim de cada lance e não falava. No oitavo patamar disse-me:

— Deita fora o cigarro.

Sacrifiquei a «beata» e entrámos para um corredor estreito e curto que ligava duas salas. Cheirava bem. Um perfume violento enchia o ar, tornando-o comestível. Era o perfume de todos os frutos, dos frutos de toda a parte, que entrava pelas narinas, descia pela guela e fazia, lá em baixo, na mucosa do estômago, umas cócegas de apetite primitivo, suave e ingénua como um esboço de fome de um menino troglodita.

Entrámos para a sala da direita. Fiquei envergonhado pela minha andaina ciumenta. Apeteceu-me despir o fato e, nú de todo o ornato postigo, tomar lugar na grande mesa florida e perfumada.

O meu amigo, falando baixinho, perguntava-me:

— Então, gostas disto?

Disse-lhe que sim, com a cabeça, liturgicamente.

Arredámos duas cadeiras, sem ruído, e esperámos.

LISBOA DE 2CONHECIDA

A RELIGIÃO DA COUVE —UM TEMPLO DE CERES NA BAIXA

O meu amigo explicava:

— Ainda é cedo.

Distraidamente saquei do bolso a onça e puz-me a enrolar um cigarro. O Eduardo susteve-me o gesto de o acender.

— Não fumes, homem!

— Porquê?

— Repararam...

Este repararam foi dito com um tom velado que eu desconhecia nas inflexões do Eduardo.

Era um tom de muito respeito. Um tom repassado de unção religiosa.

— Mas, repararam em quê?

— Eu depois te digo... É que os vegetarianos não são pessoas doentes que se tratam... São outra coisa... Isto é uma religião e como tal condena todos os vícios. Isto é... como te hei de eu dizer? É... é... o regresso.

— A volta para a árvore?

— Não, homem... Cala-te, que aí vem o Sousa.

Passos largos no corredor e surgiu um homem alto, muito magro, verde, de sandálias vermelhas sobre as meias brancas, em mangas de camisa de seda e sobraçando um cartucho de papel pardo.

— Olé, amigo Eduardo...

— Melhor, senhor Sousa?

— Melhor!? Ótimo, meu amigo, ótimo. Olhe, já *integrei absolutamente*.

Falando para o corredor, gritou:

— Dê-me a balança, D. Anica. A balança e o amendoim. Voltando-se para nós, elucidava:

— Já vou nas 150 gramas e nas 18 nozes.

Ao mesmo tempo tirava do cartucho as nozes, alinhando-as na borda da toalha.

— O meu amigo é que não quer o regime puro... Pois faz mal. O cosinhado é uma su-

jeição. O homem não deve depender do fogo. O fósforo é uma invenção dos reaccionários e dos nobres. Se êle fôsse preciso, a Natureza, previdente, tinha criado um arbusto que desse fósforos como as giestas dão agulhas... Olhe que esta não é minha, não pense! É do doutor...

— O que é que é meu? — perguntou da porta uma voz mulata.

— Aquele dito dos fósforos...

— Ah...

A D. Anica veio com a balança e perguntou a meu respeito:

— Regime puro?

O Eduardo respondeu por mim.

— Mixto, D. Anica, mixto.

— Então um *arrozinho alegre*, uns pastelinhos de agrião e o resto está presente...

O resto era a mesa, aquela linda mesa amantelada como para o baptizado de Ceres, toda ela pratinhos de cristal com amêndoas côcas, figos de comadre, tâmaras, romãs esbagoadas e ramos de urze florido.

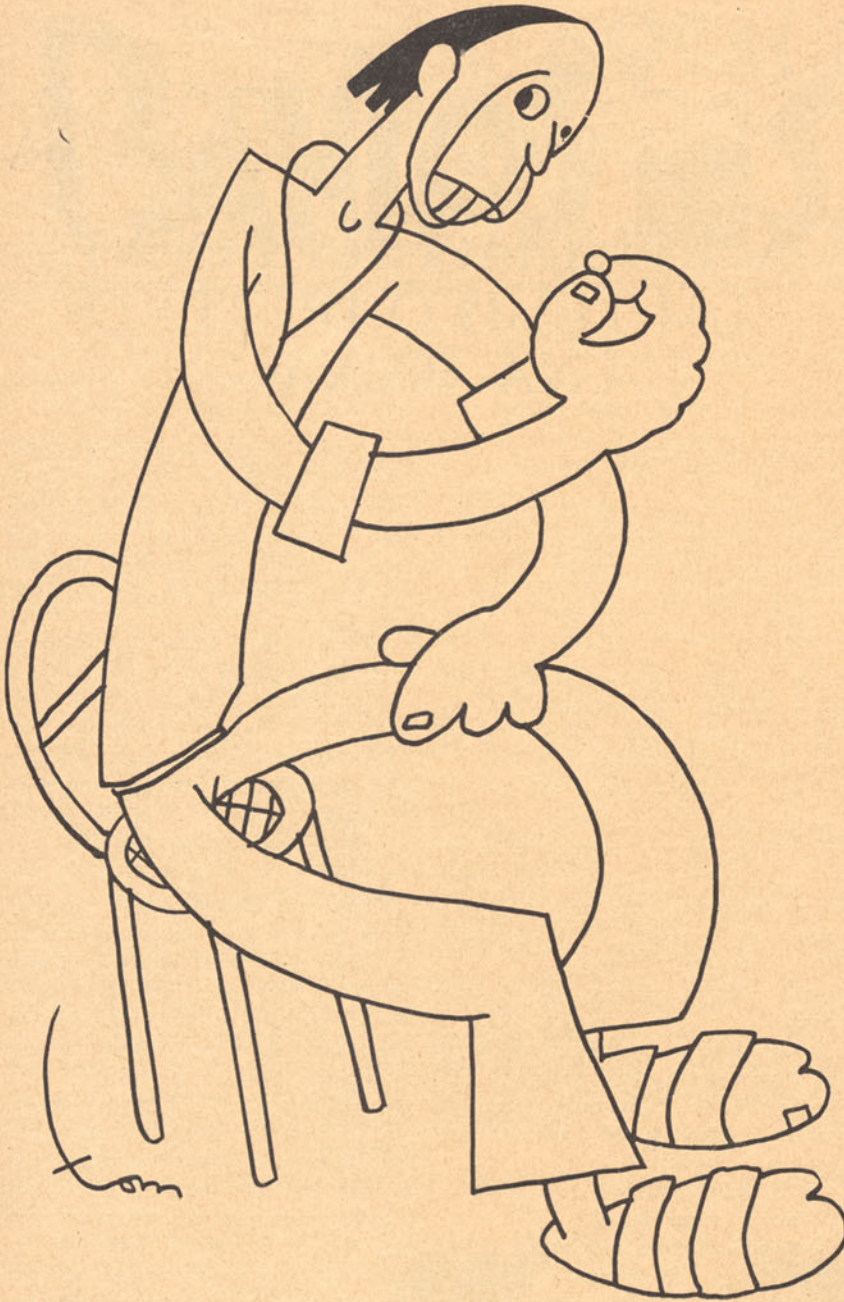
O perfume continuava enchendo o ar, descendo como uma benção dos melões que pendiam do tecto como lâmpadas votivas, para se casar, em baixo, sobre a toalha, com o cheiro das reinetas, das maçãs, das bananas e até com o raposinho agreste dos medronhos e das urzes que estavam ali como um apêlo da selva bruta aos homens transviados.

A mesa foi povoando-se. De cada boca choviam benções sobre o naturismo.

— Meus amigos, o meu reumático foi-se... E você, Gonçalves, ainda tem azia?

— Muito menos. Ainda arrotou algumas vezes, mas é menos ácido. Dantes, pareciam agulhas.





— Regime puro, meu caro, regime puro. Nada cozido. Isso ainda é do lume. Faça como eu.

O Sousa pesava farmacêuticamente as suas 150 gramas de amendoim.

O doutor corrigia a operação.

— Olhe que são 150 gramas líquido...

— Líquido?!

— Sim, líquido, quer dizer, sem casca...

Do lado, o Gonçalves comentava.

— Só isso vale por dois bifés, amigo Sousa...

— Bifés?! Quem é que fala aqui em defuntos?

Trovejou isto um homenzinho mais magro e mais verde do que o Sousa, e continuou:

— Esta gente é necrófila, só fala em cadá-

veres, em comer mortos... Abaixo do defunto!

Veio o arroz alegre. Realmente era alegre o tal arroz. Um arroz branco como o outro mas salpicado de floritas avermelhadas feitas de bocadinhos de cenoura cortadas a vassador, com o feitio de miosótis.

Não sabia a nada, mas a côr dava-lhe um

paladar impressionista que metafisicamente sabia bem.

O meu vizinho da esquerda fez uma careta.

— V. Ex.^a perdoa — disse-me — mas é que para os verdadeiros iniciados só o cheiro do calor repugna... O seu arroz cheira a quente.

O meu interlocutor atingia no rosto o verde glauco, que pelo visto devia ser o tom apeteçido dos grandes iniciados.

Vieram os pastelinhos de agrião e eu senti na guela uma sêde habitual e conhecida que não era de água.

Preguntei ao Eduardo se não era possível beber um copinho de termo.

O Eduardo deu-me com o cotovelo a impôr silêncio. Lá para o fim da mesa continuavam a falar em doenças. *A minha bexiga... Os meus intestinos...* de vez em quando a palavra «desinteria» e a palavra «diarréa» esmaltavam o período, mas não repugnavam. Dava-se ali, mercê da presença limpa dos frutos cheirosos, o mesmo que se dá no campo com as estrumeiras, perdem a presença e a sugestão, não são nada em face da limpeza edênica de tôdas as coisas. Aquelas palavras soezes eram tão longínquas ali para a nossa susceptibilidade como as catástrofes da América o são para o nosso dó, restrito a poucas léguas de raio. Ainda uns bagos de uva, um figuito, metade de uma noz, uma colher de mel e estava completa a minha refeição.

O meu vizinho do lado interrogava:

— Então? Ficou ou não ficou mais leve?

Eu disse-lhe que sim. De facto, só me pesava aquele pedido herético do copo de vinho e o desejo impuro do cigarro em pleno templo de Ceres, à hora sexta, sob aqueles melões de Damocles e no convívio simples dêesses homens livres que, passo a passo, dia a dia, iam espiritualizando o cadáver, tornando-o verde como a erva de que se nutriam, e leve, leve como o cheiro do calor que as suas narinas de iniciados conseguiam apereber.

Se não fiquei naturista de todo — em regime puro — foi decerto porque a imperfeição da minha alma mo não consentiu, mas, do fundo do meu coração saúdo êesses que se nutrem sem causarem uma dôr e a pouco e pouco, eucaristicamente, se fazem verdes para melhor integrarem no mundo da árvore e do legume.

Sim, porque *Verde é Esperança*.



OS

QUATRO EPISODIO DA
VIDA JORNALISTICA

PORTUGUEZES

DE CHICAGO NOVELA
INEDITA

DESENHOS DE STVART.

DE REPORTER

X



«Episódios do jornalismo? Novelas vividas e trepidantes de emoção? Mas qual é o reporter, com um bom par de anos de carreira, que não possa oferecer matéria prima, abundante e variada, para trezentas páginas bem medidas, como se sáissem do engenho dum folhetinista imaginativo?»

Gustavo Lawrence, correspondente em Paris do «Boston Times», lançara esta bravata, após

Calou-se Gustavo Lawrence para remecher com um fósforo a braza do cachimbo. A rudeza com que êle se nos dirigia não surpreendeu ninguém. Se a inteligência, o espírito, o triângulo do rosto pontegado revelando decisão, vibratilidade e um mundo sensível na alma, faziam dêle um latino — o virus yankee denunciava-se pela grosseria constante dos termos e do trato com todos os seus

para mim, num gesto dir-se-hia de acusação). Você desculpe, Reinaldo, mas a fama de enxovalhados que os emigrantes portugueses gozam não os calunia. Tive, neste episódio, farta oportunidade de o comprovar.

«Estava então como ajudante de reporter dos *faits-divers* no *Chicago Tribune* e tinha 18 anos, 18 anos sófregos de glória e de fortuna. Vivía e agitava-me em grande actividade — na íntima certeza que a vitória caminhava em linha recta para mim e que bastaria *adivinhá-la* para a possuir. Por isso, ao menor pretexto, julgava ter chegado a grande hora do triunfo e projectava-me numa luta feroz, para não perder a ocasião de trepar.

«Uma madrugada, os informadores do jornal junto da Prefeitura de Polícia telefonaram alviçando-nos um «caso sensacional» na Gold Street. Os portugueses de Chicago, os portugueses operários, que não são numerosos — uns quinhentos, se tanto, agrupam-se numa espécie de colónia ocupando, de cima a baixo, todos os prédios de Gold Street — a de maior sujidade da «capital do vento e do crime».

«Parti, juntamente com o meu chefe e com outros auxiliares, para o local indicado. Era um terceiro andar sombrio, miserável, com as paredes gatafunhadas e o soalho encardido de meses. Vivía lá uma família, cinco irmãos, de pai e mãe — quatro rapazes e uma rapariga. A pequena fazia excepção: era uma bonequinha, de formas arredondadas, sem gorduras disformes, o rosto carminado de saude e uns olhos negros, estojados em pestanas longas e peludas... Vestia com asseio;



tôda uma jornada de macambúzio silêncio, aninhado a um canto da carruagem e aureolado pela fumaraca do cachimbo que atafalhava continuamente de tabaco «Roi Aubert». Deixou cair sobre os joelhos focinhos do último livro de Henry Beraud, cuja leitura o isolara dos companheiros de profissão e de viagem, e abarcando-nos com um olhar de desafio, dardejado pelas iris muito aguadas, dum azul claro de eslavo, concluiu:

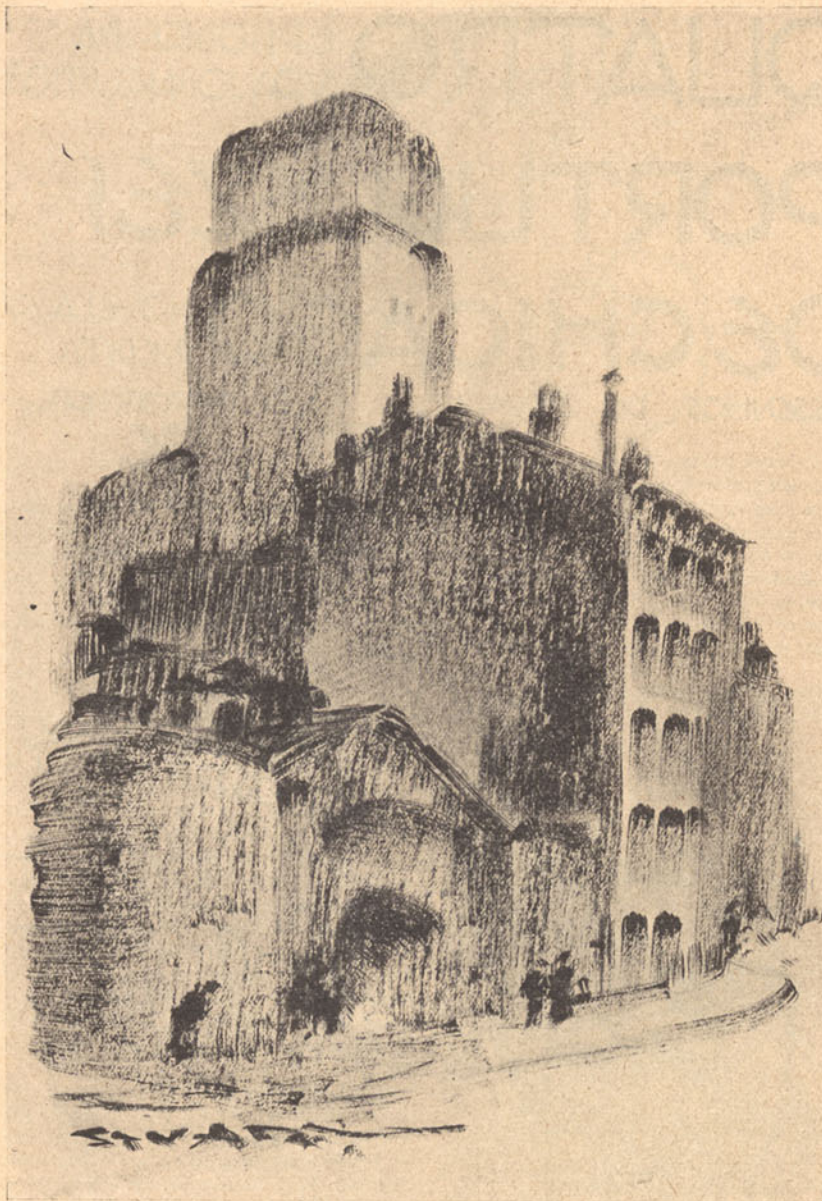
— Não gosto de recordar aos amigos certos caprichos da minha vida de reporter porque, sendo os mais dignos de narração pelo interesse e pelo sabor a inverosímil da sua invulgaridade são precisamente aqueles que melhor se prestam a descrença e à suspeita de burla. Mas já que vocês teem estado para aí a enganarem-se mutuamente, fantasiando anedotas banais — não fujo à tentação de evocar um pequeno drama que, sendo tão real como a luz do sol, aparenta um prodígio de técnica romântica.»

colegas. Eramos cinco jornalistas estrangeiros — saídos de Paris num combóio ronceiro da *post-guerra*, a caminho de Hamburgo. Estávamos em 1919 — e na Alemanha rebentara a revolta spartakista, germanização do bolchevismo russo. Os nossos respectivos jornais — de Itália, da Inglaterra, de Espanha, do Brasil — eu ia como jornalista brasileiro — expediam-nos, por telegrama, para o quartel-general da revolução operária que era Hamburgo. E para afoarmos a monotonia do trajecto, cortado de longas e repetidas paragens, inter-cambiávamos recordações e anedotas que, segundo a crítica de Lawrence, eram tão banais como falsificadas.

Aguardámos, com certo nervosismo, a narrativa que êle, prosapiando superioridade intelectual sobre todos nós, anunciara com a promessa de nos emocionar...

— Foi em Chicago, no princípio da minha carreira — começou Lawrence — e teve como protagonistas compatriotas seus (e apontou





e a desordem, o desarranjo e a sujidade da casa — de que ela não era culpada, visto ter estado ausente há três meses e regressado poucas horas antes — parecia envergonhá-la mais ante a observação dos estranhos que lhe devassavam o lar do que a própria ignomínia que pesava sobre os seus irmãos.

«Os quatro rapazes estavam desempregados havia não sei quanto tempo. Maria — soube depois que se chamava Maria — era a única que conquistava o pão, mourejando heroicamente num atelier de fotografia nos subúrbios da cidade; e para poder valer aos irmãos e não os deixar a braços com a fome, esfalfava-se em serões e horas extraordinárias, não tendo repouso sequer para os vir ver à cidade. Eles enjoaram-se ante a vexatória situação de serem mantidos pela irmã e na véspera, fôsse porque o desespero os revoltasse, fôsse porque a Fatalidade os tivesse ligado a um protector de mil diabos — deixaram-se ciceronar por Mefistófeles; e os quatro, de rosto velado por um lenço e de pistolas em punho, segundo o protocolo do banditismo cinematográfico, invadiram a

casa dum compatriota endinheirado, levando-lhe um pequeno cofre com dois mil dollars. Os detectives que acorreram ao local não tardaram em apanhar a pista aos neófitos do roubo e a sitiarem-lhe a casa. Mas os rapazes eram ágeis e resistentes; e após meia hora de luta conseguiram escamotear-se pelas trazeiras.

«Reünidos todos os elementos para a reportagem — o meu chefe encontrou-se comigo no patamar e disse-me:

— Vou agregar-me aos detectives na perseguição dos rapazes, embora não me palpíte que eles agora se deixem apanhar. Em todo o caso, o triunfo do nosso jornal está em obtermos os retratos dos quatro — visto que nem a polícia os possui. A irmã, que fica em casa sob a vigilância policial, deve ter feito desaparecer todas as fotografias — visto que não ignora que elas podiam ser a perdição dos irmãos. Você queda-se a fazer-lhe companhia. Ela é nova e gentil. Você — vá lá... — não é feio de todo. Seja habilidoso e aproveite a oportunidade para receber uma gratificação.»

Fiquei... A ambição e a ânsia de brilhar não me anesthesiavam a ponto de não me deixar ver toda a antipatia da minha missão. Comecei por um diálogo vulgar... Lamentei-a... Tentei suster-lhe as lágrimas, sossegando-a com a profecia de que os detectives não conseguiriam prender os irmãos. Procurei, por todas as formas, inspirar-lhe confiança e... se fôsse possível, mais do que confiança. Convidou-me a sentar-me à sua frente. Uma única luz brilhava na saleta onde nos encontrávamos: um grosseiro candieiro de petróleo, bruxoleante e macabro. Pouco a pouco fui tendo a impressão, suave, voluptuosa, envaidecedora, da conquista... Os olhos negros de Maria perdiam-se em êxtase, nos *écrans* das frases pretenciosas que eu lhe dedicava.

«O enlévo do idílio foi cortado pela ideia do dever. Numa torre próxima ulularam as duas da madrugada. Era tarde. E os retratos? Procurei atrair a conversa para os irmãos — lamentando-os sempre, choramingo o seu destino. Eram novos? Eram galantes? Eram fortes? A tudo respondia que sim...

— «Tem por acaso os retratos de seus irmãos? — indaguei, de chofre.

Maria ia a responder-me, mas logo se conteve, fitando-me interrogativamente. Interrogativamente e... tristemente. Parecia ter adivinhado na minha curiosidade uma cilada. Affligiu-me e envergonhou-me a minha própria atitude.

— Não julgue, minha senhora, que eu pretendo aproveitar-me da sua gentileza para...

— Por amor de Deus! — respondeu ela, num sorriso forçado. Nunca me passou pela cabeça que...

Houve um silêncio. E ela, como que para provar que não duvidara da minha lealdade, saíu da saleta e voltou pouco depois desembrulhando um retrato:

— É o único que possuo! — disse.

Era um grupo. Pareciam-se — os cinco irmãos. Depois do exame — restitui-o. Ela tornou a embrulhá-lo e ocultando-o numa gaveta, explicou:

— É preciso cautela! A polícia já me remexeu tudo à busca desta fotografia.

A partir dêsse instante uma angústia tremenda, no vai-ven do dilema de traír aquela pobre rapariga ou de cumprir o meu dever, aproveitando a oportunidade de melhorar a minha situação profissional. Perto das três





da manhã — tive a clássica séde que provoca a solidão dum minutos. Num rompante, mal ela saíu da saleta para buscar-me o copo de água, abri a gaveta, retirei o embrulho e escondi-o no bolso do sobretudo.

— «São horas de me retirar — disse, ao despedir-me. Devo ir à redacção. Desejo-lhe sinceramente que os seus irmãos se salvem. Se estivesse nas minhas mãos...

— «Ah! Disso estou eu certa! Se estivesse nas suas mãos...

Não sei porquê — aquelas palavras soaram-me a ironia dolorosa. Corri ao jornal. Entreguei a foto e parti logo para casa. Levava um péso na alma — um remorso. Despertei cheio de febre. Telefonei para o meu chefe dando parte de doente. Às duas da tarde, recebi um telegrama de meu pai. O meu pai

avisava-me que o meu irmão mais velho acabava de ser prêso. Ignorava as razões dessa prisão e pedia-me para eu tomar providências. Meia hora depois, novo telegrama. Um outro meu irmão tinha sido igualmente prêso. Relia, pasmado, este segundo telegrama, quando retinei a campainha do telefone. Eram os meus dois irmãos mais novos que me falavam duma esquadra, comunicando-me que, estando a tomar cerveja num *bar* de Edison Square, tinham sido cercados por um grupo de *detectives* que, sem esclarecimentos, os levou para o posto mais próximo. Que misteriosa fatalidade caíra sobre a minha família? Febril e aturdido, pulci da cama, tomei um taxi e dirigi-me ao gabinete do Director da Polícia de Investigação.

— «O equívoco já está desfeito — informou-me mal eu lhe expliquei a razão da minha visita. A identidade dos seus irmãos foi revelada e comprovada pouco depois da prisão e já estão a esta hora em liberdade.

— «E porque os prenderam? — indaguei.

— «Pesava sobre eles a acusação de serem os quatro portugueses que ontem à noite assaltaram um compatriota em Gold Street.

— «Mas que disparate! — exclamei. Onde se apoiaram para tão absurda suspeita?

O director da policia franziu o sobrolho e ripostou:

— «Ora essa! Foi o seu jornal que enganou a policia.

— «O meu jornal?

— «Decerto. O seu jornal publicou hoje o grupo dos quatro portugueses; e os meus *detectives*, guiados por essa fotografia, percorreram a cidade até encontrarem os individuos cujos rostos correspondiam aos retratados...

Pedi, atontado, um número do meu jornal que ainda não vira naquele dia. Abri-o — e lá estava o grupo dos meus irmãos, um grupo, em que eu estava também. Se não fôsse o meu achaque teria sido prêso também. Mas a que atribuir a troca da fotografia? Como apparecera aquele grupo na redacção?

Telefonei para o meu chefe.

— «Posso garantir-lhe que o grupo que saíu hoje foi o que V. me entregou esta madrugada!»

«Poucas horas depois tinha a decifração da charada. Uma carta escrita em letra fina, amissangada, me esperava no jornal. Dizia assim: «A vida é assim, meu caro senhor... Vi-o uma vez, há dois anos, durante um passeio que V. deu com a sua familia. Já eu estava empregada no *atelier* e fui eu quem os fotografou. Sou obrigada a fazer uma confissão: uma simpatia inexplicável e instantânea me obrigou a tirar uma prova e guardá-la. A sua memória não me fixou; em compensação eu nunca mais o esqueci.

«Ontem tive medo de adivinhar em si uma má intenção, uma deslealdade que desfazia a impressão lisongeira que me deixara na alma. Fiz a experiência. Mostrei-lhe o grupo dos meus irmãos; mas quando abri a gaveta troquei-o pela fotografia que guardava desde o dia em que o conhecera. Infelizmente as minhas suspeitas confirmaram-se... O desgosto que hoje soufreu é o justo castigo da sua deslealdade. Adens da sua desiludida Maria.»

Calou-se, Lawrence, para atafulhar de novo o cachimbo. Depois, passou de novo o olhar pelos seus companheiros, e recafu de novo no seu silêncio macambúzio.



Passatempo

OS OITO RABOS

(Problema)



Houve um dia uma refrega medonha entre oito animais, todos diferentes entre si, isto é, pertencendo a diversos géneros e espécies, em que acabaram por se despedaçar uns aos outros, destruindo-se, mutuamente, a tal ponto, que deles não ficaram mais do que os oito rabos que a nossa gravura representa.

Vejam agora os leitores se, por esta amostra, lhes é possível concluir que animais entraram na contenda?

UMA VIRTUDE

Professor (que goza de poucas simpatias)
— Dize-me lá, Juca, se eu visse alguém a bater num pobre burrinho e o impedisse de continuar, qual era a virtude cristã de que dava prova?

O Juca — Era o amor fraternal, sr. professor.

Um surdo de nascença, ao vêr um dia um galo todo gaiteiro, cantando, empoleirado, com quanta força tinha, exclamou:

«Olha, aquele dorminhôco de pássaro, como está a boccejar!»

A filha de um grande devoto de Baco pôs-se a lêr em alta voz a História Sagrada; e quando chegou ao dilúvio, interrompeu-a seu pai, dizendo:

— Água durante 40 dias? Apre!... Passa, minha filha, passa para as bôdas de Caná.

BASES AMIGAVEIS

Ele (blasé) — Eu não posso acreditar nas mulheres.

Ela — E eu não posso acreditar nos homens.

Ele — Então, nesse caso, estamos em pé de igualdade, porque não me acreditará quando eu disser que a não acredito.

O CANTEIRO DE FLORES

(Solução)



A gravura mostra a forma como o jardineiro dividiu o canteiro em oito mais pequenos, todos do mesmo tamanho e feição, e contendo cada um três plantas.

Num restaurante de terceira ordem:
— Olhe lá, ó coisa, esta sôpa não se pode comer.

— Porque, freguezinho?
— Eu admito que o caldo tenha olhos; o que não admito é que traga pestanas.

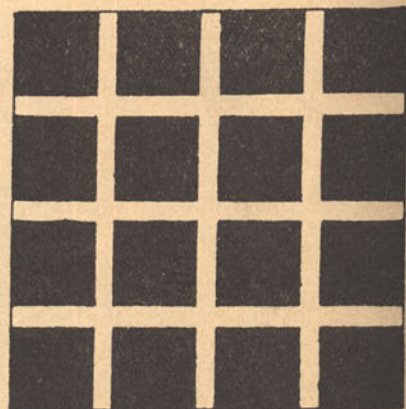
O doutor X é hóspede da família Z.
O doutor, bondoso coração e alegre conviva, brinca com as crianças e faz tudo para as entreter.

Um dos divertimentos predilectos do doutor é o jôgo do burro.

Um dia faz as suas despedidas.
A família Z fica triste, chorosa, e a menina mais velha exclama, com tôda a inocência:

— Vai-se embora o doutor... lá se vai o burro!...

ILUSÃO ÓPTICA



Olhando-se para êste conjunto de quadradinhos pretos, vê-se, no lugar em que as linhas brancas se cruzam, uma série de pequenos pontos cinzentos, que ora aparecem, ora desaparecem. fesses pontos não estão lá, evidentemente; são apenas uma ilusão óptica devida à persistência de uma imagem recebida pelos nossos olhos.

Êste rectângulo dá-nos ainda outra ilusão óptica além desta. Reparem que tão depressa nos parece vêr um quadrado grande branco tendo sôbre êle dezesseis quadradinhos pretos, como seis listas brancas entrecruzando-se, sôbre um fundo preto.

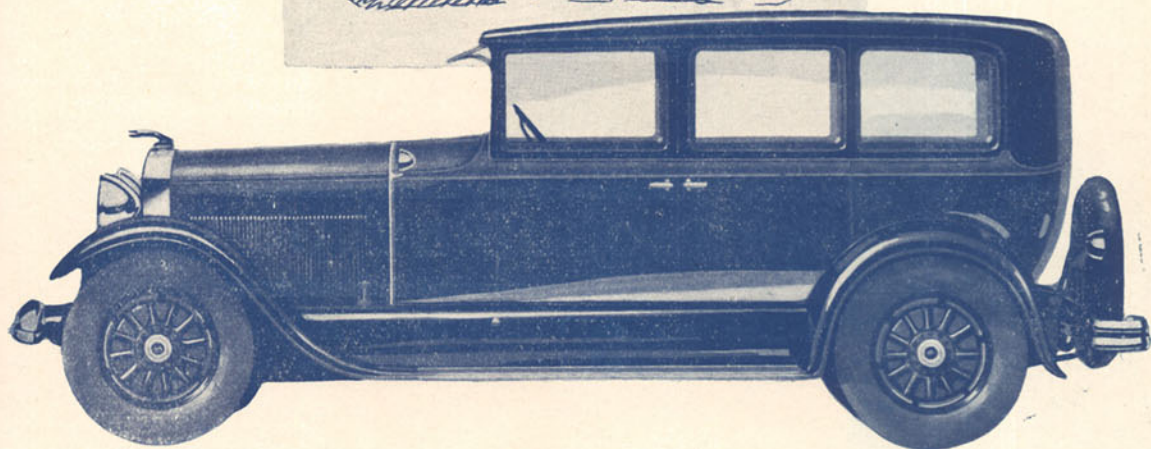
Padre, aconselhando — É preciso resistir à tentação.

Fraco penitente — Eu resistia, mas pode ela não tornar a aparecer.



— Como seu pai sofre de dispepsia, minha senhora!
— Todos nós sofremos.
— Deveras?
— Sim... da dispepsia do pai.

ESTAMPAS ESPAÑOLAS



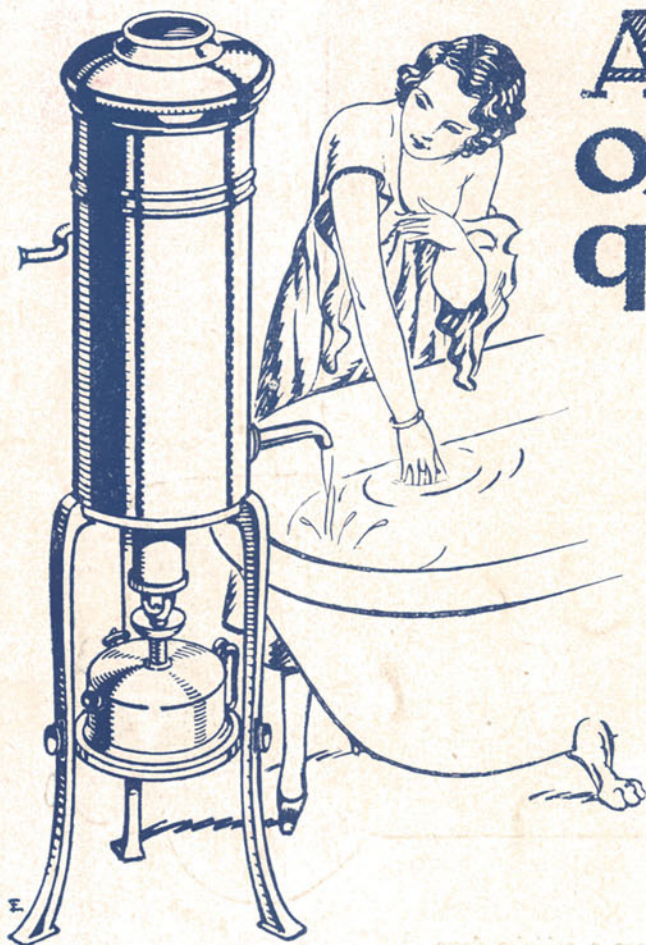
Na sua época a calèche dava verdadeira distinção aos seus passageiros : quando passava, a caminho dos touros, era admirada e elogiada por todos. Nos nossos dias, LINCOLN, pela sua beleza e linha inigualável, atrai todos os elogios e simboliza o mais requintado gosto e mais sólida opulência.

LINCOLN

LINCOLN  FORDSON

Ford Motor Ibérica
BARCELONA

Foi-se o calor!



Apetecem os banhos quentes!

O ESQUENTADOR VACUUM prepara rapidamente um banho com um dispendio minimo de petroleo "SUNFLOWER".

Embeleza qualquer casa de banho; é simples de manejar e funciona em toda a parte onde basta que haja água corrente.

ESQUENTADOR VACUUM



768

VACUUM OIL COMPANY

R. da Horta Sêca, 17—Telef. 2 0031—Rocio, 67—Telef. 2 0043